

REVISTA COLINEARES

Volume 4 - Número 1 - Jan/Jun 2017

SUMÁRIO

A INTERFONOLOGIA DOS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL <i>José Rodrigues de Mesquita Neto, Clerton Luiz Felix Barboza</i>	03
OS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) E SUA INFLUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (ILE) <i>Miriam Gurgel da Silva, Clerton Luiz Felix Barboza</i>	23
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO <i>Marcílio José Ferreira Nunes, Gilson Chicon Alves</i>	36
DISCIPLINAMENTO DO CORPO FEMININO: MÍDIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES <i>Karla Jane Eyre da Cunha Bezerra Souza</i>	54
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO <i>Hilma Liana Soares Garcia da Silva, Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares</i>	67
OS CABELOS FEMININOS E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE PROPAGANDAS DA LOLA COSMETICS <i>Polianny Ágne de Freitas Negócio, Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares</i>	79
O HOMEM DO SÉCULO XXI INSCRITO NOS DESENHOS ANIMADOS DA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE DA SÉRIE DRA. BRINQUEDOS <i>Camila Praxedes de Brito, Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares</i>	93

A INTERFONOLOGIA DOS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL

BRAZILIAN PORTUGUESE AND SPANISH RHOTIC INTERPHONOLOGY

José Rodrigues de Mesquita Neto¹
Clerton Luiz Felix Barboza²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB), bem como discutir a interfonologia, envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE). Assim, a presente pesquisa parte da seguinte pergunta: de que maneira o sistema rótico do PB e do Espanhol interagem na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros? A hipótese básica aponta que a construção da interfonologia dos róticos vai depender do dialeto do PB do aprendiz e, adicionalmente, pela posição fonotática em que os róticos são realizados. O trabalho é de cunho bibliográfico com base em autores como Cristófar-Silva (2013), Bisol (2010) e Lima (2013) que tratam do sistema fonológico do PB, e Izquierdo (2010) e Fernández (2007) que tratam do sistema fonológico do espanhol. O artigo também discute autores cujo trabalho envolve a interfonologia dos róticos PB-espanhol, como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2004). Por fim, mencionamos também em Masip (2005) e Brisolara e Semino (2014) que fazem um estudo comparativo entre os sistemas fônicos do espanhol e do PB de maneira holística, enfatizando desafios, envolvendo a interfonologia desses sistemas.

Palavras-chave: Interfonologia rótica. Português Brasileiro. Espanhol como Língua Estrangeira.

ABSTRACT: This study has as its main objective to compare Brazilian Portuguese (BP) and Spanish rhotic systems, as well discussing the interphonology by Brazilian learners of Spanish as a foreign language (SFL). It tries to answer the research-question: how do BP and Spanish rhotic systems interact for the construction of Brazilian learners interphonology? Basic hypothesis indicates rhotic interphonology construction will depend on learner's BP dialect, as well as by its phonotactic realization. This a bibliographic research based on the findings of scholars such as Cristófar-Silva (2013), Bisol (2010) and Lima (2013), which deal with BP phonological system, whilst Izquierdo (2010) and Fernández (2007) focus on Spanish phonology. The study also discusses researchers whose work involves BP-Spanish interphonology, such as Silva (2007) e Carvalho (2004). At last, the article focuses on the studies of Masip (2005) and Brisolara & Semino (2014) which deal with the phonological systems of both BP and Spanish in a holistic way, emphasizing interphonology challenges that may arise.

Keywords: Rhotic interphonology. Brazilian Portuguese. Spanish as a Foreign Language.

¹ Departamento de Letras Estrangeiras/Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia/UERN/Pau dos Ferros; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UERN/Campus Central/Mossoró-RN; rodrigues_mesquita@hotmail.com

² Departamento de Letras Estrangeiras/Faculdade de Letras e Artes/UERN/Campus Central/Mossoró-RN; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UERN/Campus Central/Mossoró-RN; clertonluiz@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB), bem como discutir a interfonologia, envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE).

Assim, a presente pesquisa parte da seguinte pergunta: de que maneira o sistema rótico do PB e do Espanhol interagem na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros? A hipótese básica aponta que a construção da interfonologia dos róticos vai depender do dialeto do PB do aprendiz, assim como da posição fonotática de realização.

Já se sabe que quanto mais um estudante aprofunda seus conhecimentos acerca dos sistemas fonológicos de sua língua materna e da língua estrangeira, melhor qualidade de realização dos sons da língua estrangeira ele terá.

Apesar das diferenças existentes entre a gramática fonológica do PB e do espanhol, é perceptível que um brasileiro aprende tais regras do espanhol sem muita dificuldade, principalmente no que se refere à comunicação. A semelhança advinda da irmandade das línguas (ambas originárias do latim vulgar), que é vista como uma vantagem - tanto para o docente quanto para o estudante no percurso de ensino e aprendizagem - também pode se tornar um “vilão”, quando a língua estrangeira é influenciada negativamente pela língua materna, neste caso específico, na realização da língua-alvo.

Para a realização desta investigação, a escolha dos róticos se justifica por eles: a) serem os fonemas que estudantes brasileiros do espanhol como língua estrangeira (ELE) apresentam maior dificuldade de produção; b) serem realizados em diferentes contextos fonotáticos; c) serem fonemas que atrapalham no ato da comunicação, pois interferem diretamente na inteligibilidade.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, a partir das considerações de autores como Quilis (2010) e Fernández (2007) que tratam do sistema fonológico da língua espanhola; Cristófar-Silva (2013) e Callou & Leite (2002) que trazem o sistema fonológico do português brasileiro (PB), línguas que iremos comparar. Além disso, discutimos os trabalhos de autores que estudam diretamente a interfonologia rótica,

como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2004) que relatam a interfonologia dos róticos por aprendizes brasileiros de ELE.

Este trabalho está dividido em duas partes, além da introdução e conclusão. A primeira é responsável por apresentar os conceitos básicos da fonética e fonologia, ciências que são a base de nossos estudos e, em um segundo momento, como resultado do nosso objetivo, apresentamos um estudo comparativo entre os sistemas fonético-fonológico do PB e do espanhol, baseando-nos nos teóricos citados anteriormente.

2 FONÉTICA E FONOLOGIA

Apesar de basearmos o trabalho na Fonologia de Uso e no Modelo de Exemplares, pois acreditamos em uma realização indistinta entre o plano fonético-fonológico, mostraremos, a seguir, o que a fonologia tradicional e a gerativa trazem a respeito dos conceitos de fonética e fonologia, assim como de suas unidades de estudo.

Alguns linguistas pretenderam estudar a fonética e a fonologia como ciências independentes e tratá-las de forma separadas. No entanto, ao longo dos anos, passaram a vê-las como ciências indissociáveis, visto que uma serve de apoio a outra, uma é o complemento da outra, pois ambas estudam o som a partir de perspectivas diferentes.

A Fonologia tem como unidade de estudo o fonema que é “a menor unidade linguística, desprovida de significado, formada por traços distintivos”³ (QUILIS, 2010, p.10). Por sua vez, a Fonética tem o fone/alofone como unidade de estudo, pois estuda o som propriamente produzido, ou seja, o que falamos/escutamos. O fonema é abstrato, é o que pensamos, enquanto o fone é a realização do fonema. Com isso, Quilis & Fernández (1975, p. 6-7) afirmam que

(...) a fonética se ocupará do estudo do significante na fala – fenômeno físico perceptível pelo ouvido. A fonologia se ocupará do

³ Texto original: la unidad lingüística más pequeña, desprovista de significado, formada por un haz simultáneo de rasgos distintivos. (Todas as traduções são de responsabilidade dos autores).

estudo do significante na língua – regras que ordenam o aspecto fônico do ato da fala⁴.

Souza e Santos (2010, p.9) nos define as funções destas ciências como sendo:

A fonética trabalha com os sons propriamente ditos, como eles são produzidos, percebidos e que aspectos físicos estão envolvidos em sua produção. A fonologia opera com a função e organização desses sons em sistemas.

Câmara Jr. (1998) salienta a importância em conhecer a diferença existente entre letra, fonema e fone, uma vez que “o fonema é um conceito de língua oral e não se confunde com a letra, na língua escrita” (p.34). Como sabemos, um mesmo fonema pode representar grafemas diferentes. O fonema é representado entre barras, por exemplo /r/, diferenciando-se do grafema <r> ou do fone que deve ser transcrito entre colchetes [r]. Ainda sobre o fone, o autor nos leva para o conceito de alofone que também deverá ser representado entre colchetes. Alofones também podem ser chamados de “variantes”. Ele é o responsável pelo que conhecemos como “sotaque”, ou seja, encontra-se associado ao significante (fonética), deixando inalterado o significado (fonologia). De acordo com Callou & Leite (2003, p. 37)

O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua dada.

Cada membro de uma comunidade linguística apresenta suas características próprias que o identifica. No entanto, a coletividade linguística está marcada pela língua, estreitamente relacionada com um sistema composto por toda uma gramática fonológica compartilhada, mas apresenta variação significativa no plano individual, regional, etário etc.

Assim, é a fonologia a responsável pelo estudo dos fonemas. Os fonemas de uma língua são limitados e apresentam uma função simbólica. Na língua espanhola, segundo Brolsara e Simino (2014), existem 2 sistemas fonológicos consonânticos. O sistema fonológico do espanhol peninsular é composto por 19 fonemas consonantais, enquanto o sistema consonantal hispano-americano é composto por

⁴ (...) la fonética se ocupará del estudio del significante en el habla – fenómeno físico perceptible por el oído. La fonología se ocupará del estudio del significante en la lengua – reglas que ordenan el aspecto fónico del acto de habla.

17 fonemas consonantais. Adicionalmente, ambos os sistemas apresentam 5 fonemas vocálicos. Os róticos, que são os fonemas analisados nessa pesquisa, estão presente nos dois subsistemas. Com relação ao PB, as autoras afirmam que este é composto por 26 fonemas, sendo 19 fonemas consonânticos e 7 fonemas vocálicos.

De acordo com Fernández (2007), a fonética se divide em fonética articulatória, fonética acústica e fonética auditiva. A fonética articulatória estuda a produção do som desde o ponto de vista fisiológico, a partir da ação dos órgãos articulatórios do ser humano. Descreve e analisa o funcionamento do aparelho produtor dos sons. A fonética acústica estuda a onda sonora, ou seja, estuda o sinal acústico desde sua produção até chegar ao ouvido. Já a auditiva, também chamada de fonética perceptiva, ocupa-se de verificar como as pessoas recebem (percebem, processam e interpretam) o sinal acústico. Para D’Introno et al. (1995) esses ramos correspondem aos três momentos do ato comunicativo: emissão, transmissão e recepção.

Além dos três ramos apresentados, Cristófar-Silva (2013) traz a fonética instrumental que é o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos de laboratórios. Romero (2008) enriquece a discussão ao afirmar que a fonética também pode se classificar em fonética contrastiva, ao permitir a comparação articulatória, acústica e auditiva dos fones associados à realização de duas línguas.

Este trabalho, por se tratar de um estudo bibliográfico e com função comparativa, caminha basicamente entre a fonética articulatória e contrastiva. No entanto, deixamos claro que alguns dos autores lidos, tais como Carvalho (2004) e Jurado & Amalia (2005) apresentam diversos trabalhos na área da fonética acústica. Adicionalmente, Cavaliere (2005, p.26) afirma que a fonética acústica tem grande contribuição no ensino de línguas estrangeira e que “estabelece padrões de percepção dos sons de dada língua pelo ouvido de um falante nativo e de um falante estrangeiro”.

Faz-se necessário comentar ainda que são poucos os estudos, no Brasil, que tratam da interfonologia entre o PB e o espanhol a partir de uma perspectiva acústica. Para Quilis (1981, p.10), a única fonética que se costuma abordar, na

maioria dos trabalhos, é a articulatória, sendo normalmente apresentada “de modo pobre e com graves equívocos”.

Na seção a seguir, falaremos sobre os róticos, mostrando alguns dos estudos existentes envolvendo sua realização.

2.1 Os róticos

Apesar da existência de um consenso que o estudo das inúmeras variações do /R/⁵ e de seus contextos de ocorrência é uma questão complexa, tentaremos definir o que são os fonemas róticos.

Os sons róticos são comuns em várias línguas do mundo (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Segundo Maddieson (1984), em torno de 75% das línguas existentes apresentam alguma forma desse fonema, caso do PB e do espanhol.

As consoantes róticas podem apresentar grande variação de produção, variando desde presença ou ausência de sonoridade, até ponto e modo articulatorios. Segundo Ladefoged & Maddieson (1996), os róticos são aqueles representados ortograficamente pelo grafema <r> e podem ser produzidos por meio de diferentes modos de articulação, tais como trills, tepes, fricativas e aproximantes, e são articulados em vários pontos do aparelho fonador, desde a glote até os alvéolos.

Fernández (2007) afirma que os róticos são os sons que tanto nativos da língua espanhola quanto aprendizes estrangeiros apresentam maior dificuldades de aquisição.

Jakobson (1941,1968) afirma que dentre as líquidas, a não-lateral é a última a ser adquirida pelas crianças e a primeira a ser perdida nos casos de afasia, o que demonstra sua maior complexidade se comparada às líquidas laterais.

Silva (1996) explica que os róticos são sons muito frequentes nas línguas e a sua articulação, semelhante às laterais // e //l/, acarreta a troca rotineira entre esses sons. Pela semelhança de articulação, ambas são denominadas, na literatura fonética-fonológica, como líquidas. Um exemplo clássico dessa troca entre a vibrante e a lateral, dentro da literatura infantil das revistas infantis no Brasil, é o

⁵ O símbolo representado em maiúscula e entre barras é chamado de arquifonema. Uma das características dos arquifonemas são as distintas realizações fonéticas.

Cebolinha, personagem da turma da Mônica cuja fala é marcada por um desvio fonológico.

A seguir, mostraremos, em diferentes seções, as possíveis realizações dos róticos do PB (2.1.1) e do espanhol (2.1.2).

2.1.1 Os róticos no PB

Muitos autores afirmam que existem apenas dois sons róticos no português brasileiro, denominados, em geral, de forte e de fraco. No entanto, mostraremos a seguir o que alguns autores, tais como Amaral (1922), Nascentes (1953), Callou & Leite (2002) e Bisol (2010), trazem sobre os róticos e suas realizações no PB. Vale salientar que algumas das pesquisas apontadas não se detêm ao estudo dessas consoantes. Porém, para este trabalho, vamos explorar somente o que está relacionado com esses fonemas.

Podemos encontrar o rótico em diferentes contextos fônicos: posição pré-vocálica (onset absoluto), posição pós-vocálica, grupos consonânticos e em posição intervocálica.

Sobre a noção de variantes ou alofones, Câmara Jr. (2008, p. 37) afirma que “um mesmo fonema pode variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante”. Quanto à variação do fonema /R/ este pode ser pronunciado como vibrante simples e múltipla, fricativa velar, uvular, aspirada e retroflexa.

Segundo Lima (2013), com relação a posição dos róticos, no PB, observa-se a ocorrência nos seguintes contextos linguísticos: (a) em onset ou início de palavra (CV), como em “rato”, (b) em codas (CVC), como em “amor”, “mar” e “carne”, (c) posição intervocálica (VCV), como em “maremoto” e “morena” e (d) em grupos consonânticos (CCV), como em “trigo”, “criar” e “troca”.

Notamos que em posição pré-vocálica, segundo os autores estudados, ocorre essencialmente uma realização fricativa no PB. Já a posição pós-vocálica é o contexto no qual encontraremos maior número de realizações. No Sul, por exemplo, Bisol (2010) observa que, nesta posição, há predomínio da vibrante simples. Callou & Leite (2002) notam um maior número de ocorrência de vibrantes simples em São Paulo e Porto Alegre do que no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, corroborando

Bisol (2010). Callou & Leite (2002) ainda encontram, nessa posição, à fricativa velar, que no Rio e Salvador apresentam percentuais maiores que em São Paulo e Porto Alegre, sendo baixíssimo o seu uso em Recife. Estudos sobre grupos consonânticos têm apontado que nesta posição há registro apenas da vibrante simples.

De acordo com Bisol (2010), as vibrantes opõem-se em posição intervocálica e pós-vocálica final, havendo maior número de oposições na posição intervocálica e menor na posição pós-vocálica.

Amaral (1920) foi o primeiro a tratar da descrição de um falar regional. Ele descreve o dialeto paulista, buscando a compreensão do que intitula dialeto caipira, que revela ser bastante característico da maioria da população, inclusive, estendendo-se à minoria culta. Com relação aos róticos, Amaral (1920) observa que o /R/ inter e pós-vocálico apresenta uma realização línguo-palatal e guturalizado, enfatizando que este som, associado ao dialeto caipira, se assemelha ao /r/ do inglês. Relata que o fonema lateral //, em final de sílaba ou em grupos consonânticos, se transforma em /R/. Considera, ainda, o apagamento do rótico em final de palavras.

Nascentes (1953), ao tratar do dialeto do Rio de Janeiro, encontra o apagamento do /R/ em final de sílaba. O autor afirma que o “R final tem pronúncia suave, leve, realizada pela classe culta, enquanto os pedantes as pronunciam mais fortes, de forma exagerada” (NASCENTES, 1953, p.51). Já no que diz respeito aos grupos consonânticos, observa-se haver manutenção do /R/ em sílabas tônicas e o seu apagamento nas átonas.

Câmara Jr. (1953) apresenta uma descrição e análise dos fonemas da Língua Portuguesa. Descreve um sistema de 19 consoantes e discute o problema da “líquida vibrante”, concluindo que a oposição /R/ forte versus /r/ fraco só se verifica em posição intervocálica.

Monaretto (2000), em seus estudos sobre o português do Rio Grande do Sul, observa a ocorrência do apagamento da vibrante pós-vocálica, especialmente no infinitivo da maioria dos verbos. Já Callou e Leite (2002) mostram as diferentes realizações do /R/ nos falares gaúcho e paulista, mencionando a realização da vibrante anterior, considerada padrão, e, outras, consideradas como realizações inovadoras: a aspiração ou ausência do segmento em final de verbos no infinitivo.

Quanto ao /R/ em posição pós-vocálica, as autoras consideram notória a tendência à alofonia dos fonemas, ocorrendo inclusive em várias línguas, “a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 43). Elas ainda apontam várias possibilidades de realização do rótico, tais como: uma vibrante ápico-alveolar, fricativa velar, aspiração e a tendência ao apagamento dos segmentos em posição de coda.

Cristófaros-Silva (2013) mostra 07 (sete) realizações róticas no PB, como no quadro 1.

QUADRO 1: Os róticos no PB segundo Cristófaros-Silva (2013, p. 37-40)

Símbolo	Classificação do segmento	Exemplos
x	Fricativa velar desvozeada	Rata, marra, mar, carta
ɣ	Fricativa velar vozeada	Carga
h	Fricativa, glotal desvozeada	Rata, marra, mar, carta
ɦ	Fricativa glotal vozeada	Carga
r	Tepe alveolar vozeado	Cara, prata, mar, carta
ʀ	Vibrante alveolar vozeada	Rata, marra
ɺ	Retroflexa alveolar vozeada	Mar

Todavia, as modalidades articulatórias da consoante rótica são dependentes do falar regional e do contexto linguístico. Os róticos do PB podem ter até dez (10) realizações diferentes. Segundo Santos e Souza (2010), ocorrem as seguintes realizações:

- a) Velar [x, ɣ] que é aquele cuja produção se dá pelo “dorso da língua contra o véu palatino” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- b) Uvular [χ, ʁ] “são aqueles produzidos pelo dorso da língua contra o véu palatino e a úvula” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- c) Faringal [ħ, ʕ] são aqueles produzidos “pela raiz da língua contra a parede posterior da faringe” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- d) Glotal [h, ɦ] que “são os sons produzidos pelas cordas vocais” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.21);

- e) Retroflexo [ɻ] “são os sons produzidos pela ponta da língua levantada e voltada para trás, de modo que a parte de baixo da língua fique voltada em direção ao palato duro” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20), este som é conhecido como o ‘r’ caipira; e
- f) Alveolar [r] são os sons cuja “ponta ou a lâmina toca rapidamente a arcada alveolar” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20).

Ainda com relação a realização desses fonemas Brisolara & Semino (2014, p.62) afirmam que:

O fonema /r/ em português costuma se pronunciar como tepe se estiver em posição intervocálica [...] e se segue uma consoante oclusiva ou fricativa que esteja na mesma sílaba. No entanto, o fonema /R/ pode ser pronunciado como fricativa velar, fricativa uvular, fricativa uvular, fricativa aspirada ou vibrante múltipla em posição intervocálica.

A seguir explanaremos sobre o sistema fônico dos róticos na língua espanhola e alguns dos estudos relacionados a eles.

2.1.2 Os róticos no Espanhol

Os róticos do espanhol apresentam apenas duas realizações, sendo elas a vibrante simples /r/ e a múltipla /r/. No entanto, veremos, a seguir, o que os estudos mais atuais esclarecem sobre as possíveis realizações desses fonemas.

Muitos trabalhos realizados por estudiosos que tomam como base a fonologia gerativa, tais como Harris (1983), Mascaró (1986) e Lipski (1990) acreditam que todas as realizações fonéticas das vibrantes estão associadas a um único fonema /r/.

Os trabalhos posteriores realizados no marco gerativo aceitam a função contrastiva dos elementos, mas tentam relacionar todas as realizações fonéticas das vibrantes com um mesmo fonema básico. [...] as diferentes propostas, que diferem segundo os autores e modelos que utilizam, coincidem sempre na determinação da versão simples /r/. (FALGUERAS, 2001, p.18)⁶

⁶ Los trabajos posteriores realizados en el marco generativa aceptan la función contrastiva de los elementos pero intentan relacionar todas las realizaciones fonéticas de las vibrantes con un mismo fonema básico. (...) Las distintas propuestas, que difieren según los autores y modelos que utilizan, coinciden siempre en la determinación de la versión simple /r/. (FALGUERAS, 2001, p.18)

No entanto, sabemos que, para determinar se duas realizações são alofones de um mesmo fonema, aplicamos o princípio da comutação. Quando substituímos um elemento fônico por outro, numa unidade léxica específica e obtemos um significado diferente, estamos falando fonemas distintos. Assim, diferente do que afirma Falgueras (2001), podemos dizer que, no espanhol, existem dois fonemas vibrantes (simples e múltiplo), pois se opõem em posição intervocálica, contexto esse que produzem numerosos contrastes de significado, tais como: *coro/corro*, *cerro/cerro* ou *caro/carro*.

Segundo o modo de articulação, na língua espanhola, os fonemas /r/ e /r/ são classificados como vibrantes pela semelhança de articulação. Silva (1996) explica que os róticos são sons muito frequentes nas línguas e a sua articulação faz com que a troca entre esses sons seja rotineira. Os sons em questão são denominados líquidos, na literatura fonético-fonológica. Segundo Masip (2005), só haverá duas realizações: vibrante simples [r] ou múltipla [r], sendo ambos associados ao ponto de articulação alveolar.

No entanto, Cedeño (2014) afirma que no Espanhol falado na República Dominicana e em Porto Rico, a vibrante múltipla apresenta duas fases de articulação, iniciando com um momento aspirado [h] seguido do tepe alveolar surdo. De acordo com a autora, este é o resultado da aspiração do fonema /r/ aplicada unicamente na metade da geminada /rr/ subjacente. Assim, a palavra *perro*, por exemplo, deixaria de ser pronunciada como [ˈpero] para ser realizada como [ˈpehro]. Por sua vez, Quilis (1981) afirma que a vibrante múltipla do espanhol pode ainda apresentar-se como assibilada, fricativa e faríngea. Esta última, na variedade dialetal de Porto Rico.

Izquierdo (2010) nos mostra informações bastante relevantes sobre a realização dos róticos. A autora afirma que:

Ao longo da geografia americana se produz um fenômeno muito peculiar que afeta as vibrantes. Nos referimos às pronúncias fricativas, sibilantes, vozeadas ou desvozeadas. No segundo caso, quando a sibilante vai acompanhada da perda de sonoridade a

articulação da vibrante se assemelha a de uma sibilante alveolar [s]⁷. (IZQUIERDO, 2010, p. 73)

Observemos a seguir o quadro 2⁸ no qual trazemos as possíveis realizações da vibrante múltipla, segundo o estudo de Izquierdo (2010).

QUADRO 2: Realizações da vibrante múltipla, segundo Izquierdo (2010).

Realização	Zona
Sibilada, geralmente fricativa e desvozeada	Paraguai
Alveolar múltipla	Uruguai
Vibrante múltipla fricativizada	Altiplano Boliviano, parte do Equador e nas terras altas de Nariño (zona de influência quechua).
Articulada como fricativa próxima a [ʒ].	Terras altas andinas do Perú
Sibilação da vibrante	Costa Rica, Guatemala e Honduras.
Vibrante retroflexa	Costa Rica
Vibrante alveolar (mais comum) e/ou fricativa assibilada	Diversas zonas do México
Variante velarizada	Puerto Rico, Cuba, República Dominicana, região da costa da Venezuela e norte do Panamá. Algumas zonas da Costa Rica.

Sobre a vibrante simples, Izquierdo (2010, p.77) esclarece que

Segundo as zonas, a vibrante simples /r/, em posição de distensão silábica, pode ser articulada de modo variado. As variantes abarcam desde a consoante como vibrante simples vozeada até seu desaparecimento, passando por outros processos como a aspiração e assimilação da consoante seguinte. Também pode produzir a sibilação da vibrante acompanhada ou não por um desvozeamento articulatorio⁹.

No quadro 3, apresentamos as possíveis realizações da vibrante simples segundo os estudos da autora citada anteriormente.

⁷ A lo largo de la geografía americana se produce un fenómeno muy peculiar que afecta a las vibrantes. Nos referimos a las pronunciaciones fricativizadas asibiladas, incluso rehiladas, sonoras o sordas. En el segundo caso, cuando la asibilación va acompañada de pérdida de sonoridad la articulación de la vibrante se asemeja a la de una sibilante apicoalveolar [s].

⁸ O quadro foi elaborado pelos autores do artigo como forma de resumir as realizações apontadas por Izquierdo (2010).

⁹ Según las zonas, la vibrante simple /r/, en posición de distensión silábica, puede ser articulada de modo muy variado. Las variantes abarcan desde el mantenimiento de la consoante como vibrante simple sonora hasta su debilitamiento y pérdida, pasando por otros procesos como la aspiración y asimilación a la consoante siguiente. También puede producirse la asibilación de la vibrante, acompañada o no por un ensordecimiento articulatorio.

QUADRO 3: Realizações da vibrante simples, segundo Izquierdo (2010)

Realização	Zona
Desaparecimento do <i>-r</i> (nos infinitivos)	Zonas costeiras do Equador, da Colômbia e Venezuela. Zonas Antillas; Panamá; Zonas argentinas de Corrientes e Misiones, Uruguai e Paraguai.
Neutralização entre a vibrante e a lateral.	Zonas costeiras do Equador, da Colômbia e Venezuela. Zonas Antillas; Panamá; Zonas argentinas de Corrientes e Misiones, Uruguai e Paraguai.
Assimila-se, perde-se ou se confunde com a múltipla.	Zonas do Paraguai
Fricativa e desvozeada	Terras altas andinas do interior da Colômbia
Sibilação da vibrante simples em posição final	Honduras, Guatemala e Costa Rica.

Apesar das possíveis realizações mostradas pelos autores Cedeño (1994), Quilis (1981) e Izquierdo (2010), Brandão (2003) reforça a ideia de que, em espanhol, os róticos são geralmente encontrados de maneira uniforme em todos os dialetos. Apesar das variações existentes, eles são bem específicos e restritos a determinadas zonas.

Moreno Fernández (2000) divide a língua espanhola em oito zonas dialetais, sendo três pertencentes à Espanha (Espanhol Castelhana, Espanhol de Andaluzia e Espanhol de Canárias) e cinco, no continente americano (Espanhol do Caribe, Espanhol do México e Centroamérica, Espanhol dos Andes, Espanhol de la Plata e el Chaco e o Espanhol do Chile). Estas zonas se baseiam nas semelhanças dentro do campo fonético, lexical e gramatical.

No que diz respeito ao uso dos róticos, o autor mostra que a realização padrão em todas as regiões são apenas duas: vibrante simples e vibrante múltipla. As vibrantes, opõem-se somente na posição intervocálica, saindo do plano do significante para o do significado. Já em posição pós-nuclear se neutralizam. Em posição inicial de palavra, costuma-se realizar a vibrante múltipla.

Ainda sobre as vibrantes do espanhol, Carvalho (2004) informa que a vibrante simples não chega a ser considerada uma vibrante, mesmo recebendo tal nomenclatura, pois sua realização é apenas um breve toque do ápice da língua contra os alvéolos, descaracterizando a vibração.

Navarro (1963) afirma que o som da vibrante simples, ou tepe, corresponde a todo 'r' ortográfico que não se encontre precedido pelas consoantes [n], [l] e [s] e pela vogal [e]. Já sobre a vibrante múltipla, Brandão (2003, p.122) descreve sua

realização como “o contato rápido e repetido entre a ponta da língua e os alvéolos, produzindo duas ou mais oclusões e impedindo momentaneamente a saída do ar”.

Para finalizar, falaremos sobre os trabalhos relevantes encontrados no Brasil que tratam sobre a interfonologia dos róticos envolvendo o PB e o espanhol.

3 ESTUDOS ACERCA DOS RÓTICOS NA INTERFONOLOGIA PB-ESPAÑHOL

Alguns trabalhos foram realizados nos últimos anos, envolvendo a interfonologia dos róticos no Brasil. Citamos como trabalhos relevantes Carvalho (2004), Silva (2007) e Milan & Deitos (2016), pois trabalham com a produção de futuros professores de espanhol ou com professores de espanhol como Língua estrangeira já formados.

O trabalho de Oliveira (2006) também merece atenção, pois diferente dos demais que iremos apresentar, trata da aquisição das consoantes róticas por crianças com desenvolvimento fonológico típico, falantes monolíngues do Português Brasileiro e do Espanhol peninsular. A autora acrescenta que sua pesquisa ajuda na “contribuição para o ensino de Espanhol como língua estrangeira a falantes nativos de Português” (2006, p. 5).

Em sua investigação, Oliveira (2006) traça comparações entre a aquisição das consoantes róticas nas línguas em questão, apresentando subsídios para a discussão do seu status fonológico, isto é, se são um ou dois fonemas.

Verificou-se que as crianças, durante o período de aquisição da linguagem, preferiam usar as formas canônicas. O estudo comparativo mostrou o ordenamento de aquisição das consoantes róticas no Português e no Espanhol e constatou-se que há semelhanças entre a aquisição da estrutura da sílaba nestas línguas. Percebeu-se que, com relação a idade, a medida em que a faixa etária dos informantes cresce, há um incremento na produção esperada dos fonemas.

O perfil de aquisição encontrado indicou uma aquisição precoce do /R/ forte em Português entre os 2 e 6 anos, enquanto que no Espanhol acontece entre os 3 e 10 anos. O /R/ forte em Português é uma fricativa e no Espanhol uma vibrante múltipla. Em relação ao /r/ fraco, encontra-se adquirido primeiro em Espanhol.

Já Carvalho (2004) apoia-se na fonética acústica para a realização de sua análise. Tem como objetivo estabelecer as características acústicas que definem as

realizações fonéticas dos róticos, de maneira contrastiva, em diferentes contextos fônicos. Para isso, a autora, utiliza gravações de leitura de textos ou enunciados, em condições laboratoriais, para a constituição do *corpus*.

Seu *corpus* foi constituído por 02 (dois) informantes brasileiros que traziam o 'r' caipira, pois a autora pretendia trabalhar também com essa variante, e 04 (quatro) informantes de Bogotá – Colômbia, que foi a variante adotada pela autora em sua pesquisa para o espanhol. Para a coleta dos dados, a autora realizou gravações de leitura de textos ou enunciados.

A autora tem consciência de que a leitura de textos influencia a realização dos fonemas, quando afirma

Embora a leitura de texto não constitua, propriamente, o que compreendemos por linguagem oral, pois não apresenta a espontaneidade característica dessa modalidade, cremos que, para as finalidades de nosso trabalho, ela pode ser utilizada para representar o estilo formal da língua, possibilitando, ao mesmo tempo, a qualidade das gravações. (CARVALHO, 2002, p.16)

A partir do contexto analisado, notou-se que em espanhol, as consoantes investigadas se manifestam de forma mais homogênea: ou como um toque áptico-alveolar sonoro [r], ou como uma típica vibrante múltipla [r]. No entanto, em português, ao menos na variante observada pela autora, não foi encontrada nenhuma realização que seja caracterizada como vibrante.

Silva (2007) pesquisou sobre a realização das vibrantes na produção oral de aprendizes cearenses de ELE. O trabalho foi realizado com um total de trinta (30) alunos, com diferentes níveis de proficiência. O *corpus* foi formado por três testes de produção: palavras, sentenças e textos. Os testes foram coletados através de gravações. Este trabalho, apesar de produtivo e importante se deteve a uma análise feita através da impressão oitiva.

A análise foi dividida em duas partes, sendo a primeira quando os fonemas vibrantes do espanhol se encontravam em variação livre e a segunda em distribuição complementar. A investigação foi testada com 18 variáveis (01 dependente, 13 linguísticas e 04 sociais).

Os resultados mostraram que a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é maior que a múltipla, principalmente quando os contextos da LM

coincidem com os da LE, no entanto, quando isso não acontece se observa que as dificuldades aumentam. Segundo a autora “os problemas com o /r/ se fazem presentes porque do ponto de vista diatópico, ele não existe como fonema nem como variante no nosso falar” (SILVA, 2007, p. 131). Assim, a autora constata marcas da interlíngua na produção oral das vibrantes por estudantes cearenses aprendizes de ELE.

Partindo da hipótese que o falante de espanhol como L2 terá dificuldades para produzir o /r/ vibrante múltiplo, Milan & Deitos (2016) fazem um estudo comparativo, utilizando como sujeitos um falante de espanhol como L1, da variedade madrilena e um curitibano, graduado em Letras com licenciatura dupla em português-espanhol. Os informantes leram enunciados nos diferentes contextos em que a vibrante múltipla aparece em espanhol. As gravações foram realizadas pelo programa *Audacity*, sendo posteriormente analisadas no programa *Praat*.

A análise acústica feita envolvendo as vibrantes levou em consideração o número de aberturas orais realizadas por informante em cada uma das frases e em cada contexto. Também foi calculada a duração da vibrante em cada sentença e contexto.

Diferentemente do que se esperava, o falante não-nativo de espanhol conseguiu produzir, conforme características acústicas indicadas pela literatura da área, as vibrantes múltiplas na variedade madrilena. No entanto, o falante madrileno realizou as vibrantes múltiplas com características acústicas de fricativas ou de *tepe* no lugar de um /r/ múltiplo.

Com relação à duração, devido ao fato de o falante L2 ter produzido maior quantidade de vibrantes múltiplas, o tempo de duração relativa desse segmento sonoro é maior em quase todos os casos. O fato de o informante L1 muitas vezes não produzir a vibrante múltipla acabou interferindo também na duração relativa desse segmento sonoro na palavra.

Através da pesquisa, as autoras apontam para outro estudo sobre a fricativização da vibrante múltipla no dialeto madrileno.

Apesar de os resultados desse estudo não corroborarem a hipótese inicialmente levantada, de que o falante L2 teria dificuldades de produzir a vibrante múltipla do espanhol, o fato de o madrileno estar fricativizando esse segmento sonoro gerou informações que poderão auxiliar em estudos posteriores, mais

aprofundados, sobre a produção deste rótico no espanhol. (MILAN; DEITOS, 2016, p. 62)

No entanto, as autoras têm consciência de que não podem tirar conclusões apenas com um informante e já estão trabalhando em novos estudos para aprofundar tais resultados.

De um modo geral, os trabalhos analisados mostram que os estudantes e professores de ELE apresentam dificuldades para a realização dos róticos desse idioma, sobretudo com relação ao fonema vibrante múltiplo /r/. Em outros casos, o contexto fonotático também pode variar na realização desses fonemas, assim aumentando ou diminuindo a influência PB. Chamamos atenção para o estudo de Milan e Deitos (2016) que diferentemente dos demais trabalhos apresentados, o falante não-nativo (brasileiro) realiza adequadamente os fonemas analisados como descreve as bibliografias a respeito da temática.

Vale salientar que as investigações se baseiam em estudos acústicos e articulatórios e que ambos os ramos da fonética são significativos para os estudos da interfonologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo geral comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB) bem como discutir a interfonologia envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE). Para isso, percorremos um amplo aporte teórico, desde estudos que se detêm na análise dos róticos do sistema fônico do PB e do espanhol, até estudos envolvendo a interfonologia rótica de ambos os idiomas.

Verificamos que tanto no PB quanto no espanhol, devido aos contextos fonotáticos e ao dialeto regional do falante, os róticos podem ser realizados de diferentes modos. O PB apresenta variação mais marcada que o espanhol cujos róticos se resumem, de um modo geral, a duas realizações: vibrante simples e múltipla, com ponto de articulação alveolar.

No entanto, acreditávamos que as realizações dos róticos da língua espanhola se resumissem às duas realizações padrões que trazem, normalmente,

nos materiais didáticos. A análise bibliográfica permite afirmar a existência do dialeto regional e do contexto fonotático do PB na realização das vibrantes do ELE por aprendizes brasileiros. Acreditamos que quanto maior o conhecimento acerca da gramática fonológica da língua materna e de uma língua estrangeira, menor será a dificuldade de produzir os sons da LE estudada.

Além disso, deixamos claro que temos a consciência que este trabalho necessita ainda de aprofundamentos - tanto teórico quanto a nível de análise. Assim, esperamos que outros autores interessados nessa temática desenvolvam novos trabalhos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialecto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

BRANDÃO, Luciana Rodrigues. *Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?: A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRISOLARA, Luciene; SEMINO, Maria. *¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos*. Campinas: Pontes Editores. 2014.

CALLOU, D; LEITE, Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 26ed. Petrópolis: Vozes. 1998.

CARVALHO, Kelly Cristiane. *Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol*. 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais de Fonética e Fonologia*. Editora Lucena: Rio de Janeiro, 2005.

CEDEÑO, Rafael. *Fonología Generativa de la lengua española*. Georgetown University Press. 2ª.ed. 2014.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto. 2013.

D'INTRONO, Francesco; TESO, Enrique; WESTON, Rosemary. *Fonética y fonología actual del español*. Ediciones Cátedra: Madrid, 1995.

FALGUERAS, Beatriz Blecua. *Las vibrantes del español: Manifestaciones acústicas y procesos fonéticos*. 2001. Tese – Departamento de Filología Española, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona – Espanha, 2001.

FERNÁNDEZ, Juana. *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/libros. 2007.

IZQUIERDO, Milagros Aleza. *La lengua española en América: normas y uso actuales*. Universitat de Valencia, 2010.

JURADO, María; ARENAS, Mónica. *La fonética del español*. Buenos Aires: Quorum. 2005.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *Sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwells, 1996.

LIMA, Márcia Maria. *As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MASIP, Vicente. *Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños*. Recife: Bagaço. 2005.

_____. *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas*. Rio de Janeiro, E.P.U. 2014.

MILAN, P.; DEITOS, G. *A vibrante múltipla do espanhol produzida por um falante como L1 e outro falante como L2*. Paraná: Revista X, v. 1, p. 47-66, 2016.

MORENO, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros. 2000.

MONARETTO, V. O apagamento da vibrante pos-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación española*. 11.ed.Madrid: RFE, 1963.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. compl. refundida. Rio de Janeiro: "Organização Simões", 1953.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso. *Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro*. 2006. 175f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-

Graduação em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porta Alegre, 2006.

QUILIS, A; FERNÁNDEZ, J. *Curso de fonética y fonología españolas para estudiantes angloamericanos*. 8ªed. Madrid: C.S.I.C, 1975.

QUILIS, Antonio. *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.

_____. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros. 2010.

ROMERO, A. S. *Linguística Aplicada*. Bogotá: UNAD. 2008.

SILVA, Kátia Cilene. *Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes*. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) . Campinas, IEL/UNICAMP, 1996

SOUZA, Paulo; SANTOS, Raquel. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Introdução à Linguística – Vol. II. Princípios de Análise*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2010, v.2, p.09-31

OS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) E SUA INFLUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (ILE)

BRAZILIAN PORTUGUESE RHOTICS AND ITS INFLUENCE ON ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE (EFL) ACQUISITION

Miriam Gurgel da Silva¹⁰
Clerton Luiz Felix Barboza¹¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). Apresentamos por meio de uma análise comparativa quais os possíveis obstáculos enfrentados por aprendizes brasileiros de ILE na realização dos fonemas róticos. O exercício implica na necessidade de um estudo minucioso dos sistemas róticos de cada língua em particular, além das várias possibilidades abertas aos aprendizes brasileiros de ILE ao construírem sua interfonologia.

Palavras-chave: Róticos. Inglês língua estrangeira. Português brasileiro.

ABSTRACT: This research has as its main objective to analyze the construction of rhotic interphonology by Brazilian learners of English as a foreign language (EFL). It presents possible problems faced by Brazilian EFL learners in realizing rhotic phonemes. The exercise implies the necessity of a minute study of the rhotic systems associated to each particular language, besides the various possibilities for Brazilian EFL learners constructing their interphonology.

Keywords: Rhotics. English as a foreign language. Brazilian Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). O termo rótico é utilizado para descrever as variantes de sons orais associadas ao grafema <r>. Diversas possibilidades fonético-fonológicas são relacionadas aos róticos (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). São uma classe de difícil descrição, pois

¹⁰ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: miriamgsax@hotmail.com

¹¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Doutor em Linguística. E-mail: clertonluiz@gmail.com

falantes em diferentes idiomas e/ou dialetos produzem-nos com diferentes pontos e modos de articulação (LADEFOGED, 2001). O Alfabeto Internacional de Fonética - IPA (do termo em inglês *International Phonetic Alphabet*), agrupa os símbolos dos róticos de acordo com os diferentes modos de articulação, pois não é possível classificá-los em um grupo exclusivo associado a pontos de articulação. Logo, os róticos emergem dependendo do contexto de uso, social e linguístico.

O trabalho justifica-se devido ao fato de contribuir para o esclarecimento de indagações pessoais, teóricas e aplicadas. Enquanto professores de ILE, os autores constantemente depararam-se durante sua vida profissional com a dificuldade de realização dos róticos do inglês por seus alunos. Por sua vez, a análise dos róticos do PB é objeto constante na área dos estudos sociolinguísticos. Todavia, a literatura carece de um maior número de pesquisas envolvendo a construção da interfonologia por aprendizes brasileiros de línguas estrangeiras em geral. Este trabalho é o primeiro passo na construção de uma pesquisa mais ampla, que visa contribuir para um melhor entendimento teórico do problema. Finalmente, a aplicação do conhecimento discutido neste texto será de grande valia para os profissionais de ensino de ILE em seu dia-a-dia.

Além desta seção que constitui a Introdução, o trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: (2) Visão geral dos róticos – buscamos apresentar sucintamente suas principais características; (3) Róticos do português brasileiro – com ênfase na variação regional; (4) Róticos do inglês – enfatizando os dois principais dialetos; (5) Interfonologia dos róticos PB/Inglês; e, finalmente, (6) Conclusão. Damos sequência ao artigo na seção a seguir.

2 VISÃO GERAL DOS RÓTICOS

Os róticos das línguas naturais podem ser realizados tendo em vista diversas possibilidades de realização quanto ao ponto, e.g. os tepez, as fricativas, as aproximantes, e modo, e.g. o retroflexo, o alveolar, o dental, o uvular, o glotal, o faringal, o velar. Observamos as possibilidades no quadro 1 a seguir.

QUADRO 1: Quadro das consoantes róticas.

Modos de Articulação	Lugares de articulação							
	Dental	Alveodental	Alveolar	Palato alveolar	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Fricativa								
Oclusiva								
Fricativa		[ɹ] [ɻ]			[x] [χ]	[χ][ʁ]	[ħ] [ʕ]	[h][ɦ]
Vibrante	[r] [r̥]		[r] [r̥]			[ʀ]		
Tepe	[r][r̥]		[r] [ɾ]					
Flepe			[ɽ] [ɽ̥]					
Retroflexa			[ɻ][ɻ]	[ɻ] [ɻ]				
Constritiva			[ɻ][ɻ]	[ɻ]	[ʁ]	[ʁ]		

FONTE: Cagliari (1981, apud VEGINI, 2007, p. 5).

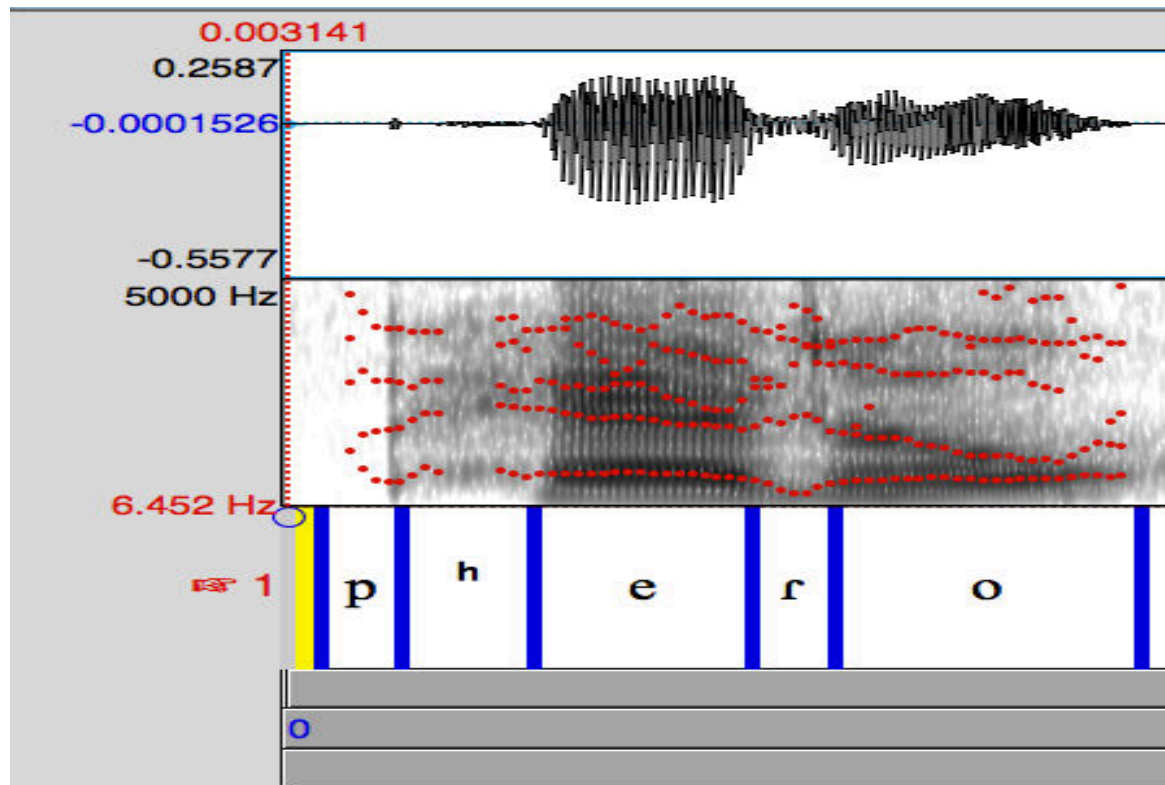
O **quadro 1** mostra que os róticos são realizados com diferentes modos e pontos de articulação. O modo de articulação mais comum é aquele que ocorre na área dental-alveolar, embora o rótico produzido na região pós-alveolar ou retroflexo também ocorra com certa frequência nas línguas do mundo. Já os róticos produzidos na região uvular ocorrem em relativamente poucas línguas (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

As vibrantes são sons frequentes nas línguas naturais e são sensíveis a pequenas variações na articulação e condições aerodinâmicas durante a sua produção na fala (LADEFOGED; JOHNSON, 2011). A característica principal das vibrantes múltiplas é a vibração entre os órgãos produtores do som que pode ser a vibração da ponta da língua contra a região alveolar, pós-alveolar, dental ou com a vibração da região uvular com a parte de trás da língua. As vibrantes mais comuns são as que envolvem a ponta da língua.

Outras classes de sons róticos são os tepes e flepes. Elas são descritas como resultado de um movimento rápido da ponta da língua, que pode ocorrer na área alveolar ou na região do palato duro. Ladefoged e Maddieson (1996) fizeram a distinção entre tepes e flepes. No tepe ocorre um movimento rápido entre a ponta da língua e a região dos alvéolos. Já no flepe existe uma elevação da ponta da língua que acaba por se retrair ao tocar a região alveolar. Os tepes e flepes

caracterizam-se acusticamente por ter duração breve, marcada por um espaço praticamente vazio no espectrograma, “com energia muito baixa, seguida por batida e retomada do vozeamento” (GREGIO, 2012, p. 81). Apresentamos na figura 1 oscilograma e espectrograma referentes à realização de um tepe.

FIGURA 1: Oscilograma e espectrograma de um tepe.



FONTE: <https://goo.gl/T1Crga>, disponível em 07/03/2017.

Ainda falando nas classes dos róticos deve-se mencionar as fricativas e aproximantes que são caracterizadas pela ausência ou, eventualmente, um contato reduzido entre os articuladores, por meio de uma aproximação entre a lâmina da língua e o palato duro. Em alguns momentos a aproximação acompanha uma fricção, que pode ser de articulação velar, glotal ou uvular.

A classe das retroflexas tem como característica a subida da lâmina da língua em direção à região alveolar, enquanto a ponta da língua fica curvada ocorrendo uma aproximação e não um contato entre tais articuladores. Além da aproximação, ocorre um arredondamento dos lábios e possivelmente uma constrição faríngea. No que se refere às características acústicas, a variante retroflexa apresenta estrutura

formântica bem definida, com rebaixamento da frequência do terceiro formante (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Ainda de acordo com Ladefoged e Maddieson (1996) cada membro da classe dos róticos apresenta similaridades, apresentando apenas uma qualidade ou característica que as diferem: vibrantes múltiplas e tepes são similares quanto à curta duração da obstrução; vibrantes produzidas com o uso da ponta da língua e as vibrantes uvulares são semelhantes quanto à ocorrência de modulações rápidas. Os róticos produzidos no mesmo ponto de constrição são equivalentes no que diz respeito à distribuição de energia espectral.

Neste trabalho pretende-se discutir as características dos róticos no PB e no Inglês, pois apresentam semelhanças no seu modo de produção, bem como discutir a aquisição do retroflexo do inglês por aprendizes brasileiros de ILE. Tendo em vista o objetivo, apresentamos nas próximas seções revisão bibliográfica voltada para a realização dos róticos nas línguas supracitadas.

3 OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

O arquifonema¹² /R/ no PB tem origem no /r/ latino, realizado enquanto vibrante apical múltipla e se opunha ao /r/ vibrante simples, o tepe. Ocorreu, ao longo do tempo, uma uvularização da vibrante apical que passou a apresentar diferenças tanto no ponto de articulação, que passou de anterior para posterior, quanto no modo de articulação, que passou de vibrante alveolar para fricativa velar ou glotal (MALMBERG, 1954 apud VEGINI, 2007).

Baseados nessa modalidade de articulação, os róticos no PB são classificados como r-fraco (ou anterior) e R-forte (ou posterior) (BISOL, 2010). O r-fraco: /r/ é caracterizado com uma só batida da língua contra os alvéolos produzindo uma vibração simples, branda e fraca (vibrante apical tepe) e está presente em todas as variações da fala. O r-fraco pode ser encontrado em posição intervocálica, como nas palavras *ce[r]a* ou *a[r]a[r]a*, ou em encontros consonantais tautossilábicos, como em *b[r]avo* e *c[r]edo*.

¹² Um arquifonema é um termo usado na fonologia como uma maneira de se lidar com o problema da neutralização, ou seja, quando o contraste entre fonemas se perde em certas posições de uma palavra (CRYSTAL, 2008).

O R-forte apresenta marcante variação dialetal, podendo ser realizado como uma vibração múltipla da língua junto aos alvéolos (vibrante múltipla alveolar), ou por uma tremulação da úvula (vibrante múltipla uvular), com uma fricção de ar na parte superior da faringe (faringal fricativa vozeada), fricativa velar vozeada ou desvozeada, fricativa uvular vozeada ou desvozeada. O uso de diferentes realizações alofônicas, no entanto, não altera o significado linguístico. Logo, há somente um R-forte, ocorrendo primordialmente em posição pré-vocálica como em *hon[h]a* e *[h]ato*, ou em posição pós-vocálica como em *ma[h]* e *ca[h]ne*.

Ainda sobre as realizações do /R/ Bisol (2010, p. 208-209) afirma que “o ‘r’ pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido), e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]) ou ainda como um som retroflexo ([ɻ]ápido, ma[ɻ])”. As realizações das variantes associadas ao arquifonema /R/ são influenciadas por fatores que podem ser tanto de origem histórico-social quanto linguística (SILVA NETO, 1963). O quadro 2 mostra a distribuição dos róticos no PB:

QUADRO 2: Distribuição dos róticos no PB.

Exemplo	Contexto	Retroflexo	Fricativa	Tepe	∅
1. <i>caro</i>	Entre vogais (r-fraco)	kaɻ	-----	karu	-----
2. <i>prato</i>	Encontros consonantais	pɻatu	-----	pratu	-----
3. <i>rato</i>	início de sílabas e de palavra	-----	hatu	ratu ⁷	-----
4. <i>desrespeito</i>	Início de sílabas depois de consoante	-----	deshespeɻtu	-----	-----
5. <i>carro</i>	Entre vogais (r-forte)	-----	kahu	-----	-----
6. <i>bar</i>	final de sílaba e de palavra	baɻ	bah	bar	ba
7. <i>parque</i>	final de sílaba e meio de palavra	paɻkɻ	paɻkɻ	parkɻ	pakɻ

FONTE: Camargos (2013, p. 8).

Nos contextos 1 (*caro*) e 2 (*prato*) é realizado o r-fraco com duas realizações de /r/: o tepe e o retroflexo, que podem ser realizados tanto entre vogais quanto em encontro consonantal. A pronúncia com o tepe ocorre ainda no contexto 3 (*rato*) em início de palavras, podendo ser encontrada no PB em algumas regiões no Sul do Brasil em final de palavras ou em final de sílaba precedendo consoantes (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, apud CAMARGOS, 2013). O mesmo pode ocorrer na realização do retroflexo.

Por sua vez, o R-forte pode ocorrer entre vogais, em final de sílaba e em início de sílabas depois de consoantes, como nos contextos 5 (*carro*), 6 (*bar*) e 7 (*parque*). É possível ainda a não realização do arquifonema /R/ em final de sílaba precedendo consoante ou em final de sílaba como nos exemplos 6 (*bar* [ba]) e 7 (*parque* [pakɪ]).

O arquifonema /R/ apresenta a maior variação alofônica do PB, sendo dependente, além do falar regional, do contexto linguístico. O arquifonema, por exemplo, pode apresentar ocorrências no PB como fricativa ou como tepe em início de palavra ou em final de sílaba, e.g. [h]ápido/[r]ápido ou ma[h]/ma[r]. O fato pode decorrer de variação regional, do nível de registro ou mesmo de variação individual.

Além da influência do falar regional, a realização do arquifonema /R/ pode variar devido ao fenômeno de assimilação, que ocorre quando um segmento adquire as características dos segmentos do contexto ao qual se encontra: como em o[h]ta, pois o /R/ antecede o fonema /t/ que é desvozeado. Logo, o /R/ apresentará o alofone fricativo glotal desvozeado. Já em co[h]da, por ser o [d] um segmento vozeado, o /R/ adquirirá a mesma propriedade de vozeamento e, portanto, será realizado como uma fricativa glotal vozeada.

Em algumas regiões do Brasil palavras como *corda* e *orta* podem ser pronunciadas com o r-retroflexo: co[ɻ]da e o[ɻ]ta. O r-retroflexo do PB é o que mais se aproxima do /r/ na pronúncia do inglês e é encontrado em diversas áreas do Brasil. Brandão (2007) indica em um mapa as áreas de abrangência do retroflexo:

FIGURA 2: Estados brasileiros com realização do retroflexo.

FONTE: Brandão (2007, p. 280).

De acordo com a proposta de Brandão (2007), os estados em cinza apresentaram ocorrências do retroflexo. Enfatizamos que no estado do Rio Grande do Norte nenhum registro do retroflexo foi reportado. Neste caso, a pronúncia do /r/ em final (*bar*) e em meio de palavra (*carta*), como são pronunciadas como fricativas, ou ainda sem a realização do /r/ no final de palavras. Essa pronúncia como r-fricativo pode influenciar na pronúncia de falantes dessa região que pretendem estudar ILE. É importante ressaltar que a afirmação não está ligada a nenhum estudo de análise acústico-articulatória da pronúncia do r-retroflexo ou da pronúncia do erre com falantes potiguares, sendo fruto de algumas observações das dificuldades de estudantes de ILE no estado.

Encerramos neste ponto a seção sobre os róticos no PB, em que discutimos algumas características da pronúncia do arquifonema /R/, com destaque para a realização do retroflexo em algumas regiões do Brasil. Na próxima seção passamos a discutir a produção dos róticos na língua inglesa, discutindo posteriormente sua aquisição por aprendizes brasileiros de ILE.

4 RÓTICOS DO INGLÊS

O fonema /r/ do inglês é descrito como uma aproximante (CRUTTENDEN, 2008; TENCH, 2011). O alofone mais comum do Received Pronunciation (R.P.), padrão do Reino Unido, é o aproximante pós-alveolar retroflexo [ɹ]. Então, a palavra *red* /rɛd/, que tem a produção do /r/ em posição de ataque, é transcrito foneticamente [ɹɛd]. O som do r-retroflexo no inglês também emerge em palavras com /r/ em posição intervocálica como em *very* /'vɛri/ e *marry* /'mæri/ e ou em início de palavras como em *red* /rɛd/ e *remain* /ri'meɪn/.

Conforme Bizzochi (2006, apud DEUS, 2009) ocorre elisão do fonema /r/, em contexto pós-vocálico como em *part* /pa:t/ correspondente ao RP londrino. Laver (1994) afirma que a principal característica do /r/ no RP é sua elisão diante de outra consoante, como em *marvel* /'ma:vəl/. Os dialetos no qual o /r/ não é pronunciado nesse contexto são chamados de dialetos não-róticos (*non-rhotic accents*). Já os dialetos em que o /r/ é pronunciado nesse contexto são chamados de dialetos róticos (*rhotic accent*). Assim, uma realização com a aproximante retroflexa alveolar, como em *marvel* /'ma:rvəl/, é mais comum nos Estados Unidos e Canadá

No inglês existe variação alofônica do fonema /r/. Pode-se notar, por exemplo, que na palavra *thread* /θrɛd/ o /r/ não é considerado um aproximante e sim um tepe pois é caracterizado por um contato simples e rápido entre a ponta da língua contra a área alveolar. Assim como nas palavras *price*, *cream*, *try* em que o /r/ é antecedido pelos fonemas /p, t, k/. Neste caso o /r/ ficará parcialmente desvozeado, pois é seguido por oclusivas desvozeadas em início de sílaba e em sílabas acentuadas. Também é possível encontrar desvozeamento em palavras onde o /r/ é seguido de fricativas desvozeadas como em *fry*, *thrive* e *shrink*. Aliás, depois de /θ, ð/ o /r/ apresentará um tepe alveolar parcialmente desvozeado ou vozeado, respectivamente (TENCH, 2011).

Para falantes nativos do inglês, o fonema /r/ é normalmente a última aquisição em comparação aos outros aproximantes, tendendo a ocorrer apenas por volta dos cinco anos de idade (CRUTTENDEN, 2008). Para o referido autor, alguns falantes do inglês apresentam a tendência de labializar o r-retroflexo independente da vogal que a segue. Os lábios podem ficar arredondados simultaneamente ao movimento retroflexo da língua ao pronunciar a palavra *red* [ɹ^wɛd], por exemplo. A labiarização do /r/ é similar ao arredondamento da semi-vogal /w/, quando pares mínimos do tipo *wed* /wɛd/ e *red* /rɛd/ são realizados.

Carr (1999) aponta que para a maioria dos falantes de inglês, o /r/ na posição de ataque é realizado como uma aproximante pós-alveolar [ɹ]. Porém, alguns dialetos do inglês, como o escocês, podem apresentar uma obstruinte alveolar de curta duração, o tepe [r].

De maneira geral, percebe-se que a rótica do inglês apresenta menos variação se comparada à rótica do PB, pois em posição intervocálica ou em posição de ataque teremos um retroflexo alveolar [ɹ]. Já em contexto pós-vocálico o /r/ poderá ser realizado como a aproximante retroflexa alveolar [ɹ], ou poderá ocorrer o seu apagamento diante de outra consoante. O fato dependerá principalmente do dialeto do falante, rótico ou não-rótico.

Na seção seguinte, trataremos da aquisição do sistema rótico do inglês por aprendizes brasileiros de ILE.

5 INTERFONOLOGIA DOS RÓTICOS PB/INGLÊS

Para Ekman (1996, apud BECK, 1998) aprendizes iniciantes de segunda língua (L2) percebem os sons da L2 utilizando categorias associadas ao sistema da primeira língua. Sons da L2 que forem sensorialmente aproximados a uma categoria existente na L1 serão assimilados e reproduzidos com maior dificuldade. As diferentes realizações do arquifonema /R/ do PB podem influenciar na pronúncia do /r/ do inglês. Aprendizes brasileiros de ILE que utilizam falares regionais em que emerge o r-retroflexo em posição intervocálica e/ou posição final de palavras, podem não apresentar dificuldades na aquisição do /r/ retroflexo do inglês nesse contexto, bem como em posição de ataque.

Camargos (2013) analisou a apropriação de retroflexos por aprendizes brasileiros de ILE, que fazem uso de falares regionais do PB em que o retroflexo emerge ou não de forma recorrente. Os resultados indicam (1) que o retroflexo é realizado categoricamente em contexto de encontro consonantal e quase categórico em início de palavra, havendo variabilidade em contexto de final de sílaba; (2) que palavras (quase) homófonas indicam maior variabilidade e menores índices de retroflexo do que as palavras em geral que foram analisadas; e, (3) que os dados indicam que o detalhe fonético fino do retroflexo em L1 não é adotado em L2.

Deus (2009) em seu estudo sobre a leitura dos róticos em posição de ataque por estudantes brasileiros observou transferência do PB para o ILE. Foi observado que alguns informantes realizaram palavras como *rare* e *rural* levando em consideração a estrutura fonológica do PB, pois a segunda consoante rótica não foi produzida como um retroflexo e sim como um tepe, característico do r-fraco. Para alguns informantes a consoante inicial foi produzida como uma fricativa glotal. Isso deve-se a categorias fonéticas estabelecidas no sistema do PB e que foram transferidas para o ILE.

Falantes potiguares do ILE, por exemplo, podem apresentar essa dificuldade, já que o r-retroflexo do português é o que mais se aproxima do /r/ do inglês. Anteriormente destacamos que não foram encontradas realizações de r-retroflexo no Rio Grande do Norte. Assim, hipotetizamos que palavras como *remember*, que apresentam o /r/ tanto em posição de ataque quanto no final da palavra, podem ser pronunciadas por potiguares com a fricativa glotal [h]emembe[h] seguindo a influência de palavras como [h]enomea[h]. A palavra pode ser pronunciada ainda como [h]ememb[ə], com a neutralização do /r/ no final da palavra, assim como acontece em [h]enomea. Pode também emergir o r-fricativo em posição pós-vocálica antecedendo uma consoante como na palavra *work*: wo[h]k, ao invés de r-retroflexo, semelhantemente ao que acontece em português com a palavra *po[h]que*.

Uma outra dificuldade é a realização de /r/ em posição inicial de encontro consonantal como nas palavras *first*, *world* e *girl*. Quanto à palavra *first* pode-se supor que os mesmos falantes ao pronunciarem o /r/ realizem um tepe com uma elevação da ponta da língua que acaba por se retrair ao tocar a região alveolar. Já

em *girl* há uma tendência de vocalização do // para a vogal /ʊ/, sem realização do /r/.

As hipóteses elencadas nesta seção foram apresentadas com o objetivo de tornarem-se a base de estudo posterior, envolvendo preceitos da fonologia de laboratório, visando a análise da construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE no estado do Rio Grande do Norte. Devem ser tomadas, portanto, enquanto norteadoras de aprofundamentos desta pesquisa inicial envolvendo a interfonologia rótica do PB/inglês. Apresentamos na próxima seção a conclusão deste artigo.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). Iniciou-se pela apresentação geral dos principais conceitos associados aos róticos das línguas naturais, passando pela emergência dos sons em questão no PB e no inglês, bem como na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE.

Evidenciou-se nesta pesquisa o caráter variável de realização dos róticos por falantes nativos do PB, do inglês e, primordialmente, na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE. Observamos na análise a influência dos róticos do PB na aquisição do ILE por aprendizes brasileiro com r-retroflexo em ocorrência no meio de palavras, em encontros consonantais em início e em final de palavras. Em tais contextos fonotáticos, palavras do PB são pronunciadas com r-fricativo ao invés do r-retroflexo, o que pode dificultar a realização de palavras do inglês por aprendizes brasileiros.

Esta pesquisa apresentou uma pesquisa bibliográfica da realização dos róticos por aprendizes brasileiros de ILE. A elaboração deste texto funcionou enquanto estudo preliminar e necessário à fazedura de pesquisa experimental, seguidora dos preceitos da fonologia de laboratório, a ser posteriormente desenvolvida. Sanaremos naquele momento relevantes lacunas deste estudo, como a inexistência de análise e discussão de dados empíricos de realização dos róticos do PB e ILE de aprendizes brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S. M. (2007). *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /rr/*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 184f.
- BECK, M. (1998). *Morphology and its Interfaces in Second Language Knowledge*. Amsterdam: John Benjamins.
- BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5ª edição. Porto Alegre: Edpurs, Porto Alegre, 2010.
- BRANDÃO, S. F. (2007). Nas trilhas do R-retroflexo. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n.10/2, p. 265-283.
- CAMARGOS, M. A. C. (2013). *Conhecimento Fonológico dos Retroflexos em Inglês-L2*. Dissertação (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 118f.
- CARR, P. (1999) *English phonetics and phonology: an introduction*. Oxford: Blackwell.
- CRYSTAL, D. (2008) *Dicionário de Linguística e Fonética*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- CRUTTENDEN, A. (2008). *Gimson's Pronunciation of English*. 7th edition. London: Hodder Education.
- DEUS, A. F. (2009). *A transferência do português na leitura das róticas em posição de ataque no inglês por estudantes brasileiros de inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.78f.
- GREGIO, F. N. (2012). Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. *Revista Intercâmbio*, v. 26: 80-94.
- LADEFOGED, P. (2001). *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of Languages*. Oxford: Blackwell.
- LADEFOGED, P.; MANDDIESON, I. (1996). *The Sounds of World Languages*. Oxford: Blackwell.
- SILVA NETO, S. (1963). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- TENCH, P. (2011). *Transcribing the Sound of English*. Cambridge: CUP.
- VEGINI, V. (2007). As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonostilístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, p. 1-30.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO

VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS IN ELEMENTARY SCHOOL THROUGH SHORT STORIES

Marcílio José Ferreira Nunes (UERN)¹³

Gilson Chicon Alves (UERN)¹⁴

RESUMO: Esse artigo relata uma intervenção realizada como parte de uma pesquisa de dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS, UERN, Campus Mossoró), aplicada numa turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola da zona rural cearense, no ano de 2015. A dissertação realizou-se em três etapas intervencionistas: a primeira delas visava a intervir através de uma atividade abordando a variação diatópica, da qual nos ocuparemos; a segunda, com metodologia semelhante, tratava do *continuum* de monitoramento estilístico e a terceira abordava o preconceito linguístico através da produção de contos. O objetivo da primeira fase da pesquisa foi intervir no grupo considerado, a fim conscientizá-los acerca dessa variável dependente. A concepção de língua como uma realidade heterogênea postulada por Labov (2008) levou teóricos, como Ilari e Basso (2000) e Bagno (2007), a conceituarem a variação regional ou diatópica como um fenômeno variável da língua em virtude das diferenças entre regiões em que se fala a mesma língua. Nossa proposta foi uma atividade de interpretação de um conto de nossa autoria, cujo enredo tratava da variação entre a fala de um menino sertanejo cearense e meninos gaúchos. Contamos com as contribuições teóricas de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Brasil (1998), Ilari e Basso (2000), Labov (2008), Tarallo (2007), Thiollent (2009) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Os resultados obtidos foram satisfatórios, porque, com a intervenção, o conceito de variação linguística foi compreendido, implantando-se na coletividade considerada a conscientização acerca da variação linguística regional.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Gênero conto. Ensino.

ABSTRACT: This paper reports an intervention conducted in a 6th grade class of an elementary school in the rural area of Ceará, Brazil, in the year of 2015, as part of a dissertation research of a Professional Master's degree in Letters (PROFLETRAS, UERN, Mossoró Campus). The research was performed in three interventionist phases: the first consisting in the intervention through an activity that addresses the diatopic variation which we deal with; in a similar methodology, the second addresses the stylistic monitoring continuum and the third approaches the linguistic prejudice via the production of short stories. The aim of phase 1 was to intervene in the considered group, in order to raise awareness about that dependent variable. The conception of language as a heterogeneous reality postulated by Labov (2008) led theorists, such as Ilari and Basso (2000) and Bagno (2007), to conceptualize regional or diatopic variation as a variable language phenomenon due to differences among places where the same language is spoken. Our proposal consisted in the interpretation of a short tale from our authorship, concerning the variation between the speech of a boy from the state of Ceará and boys from the state of Rio Grande do Sul. We

¹³Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN. majofenu@gmail.com

¹⁴Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB. gcario65@hotmail.com

have theoretical contributions from Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Brazil (1998), Ilari and Basso (2000), Labov (2008), Tarallo (2007), Thiollent (2009) and Weinreich, Labov and Hezog (2006). The results were satisfactory, since the intervention promoted the understanding of the concept of linguistic variation and woke in the community the sense of regional linguistic variation.

KEYWORDS: Linguistic variation. Short stories. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as mais variadas correntes linguísticas vêm questionando a eficiência da forma tradicional com que se tem abordado o ensino de língua materna nas salas de aula, que, por sua vez, ainda, muitas vezes é pautada por uma análise descontextualizada de microestruturas, com mero objetivo de descrevê-las e de prescrever, segundo a gramática normativa, um padrão idealizado de uso dessas estruturas.

Embora sejam fartas as bibliografias, a exemplo de Bagno (2007), que apontam a gramática normativa apenas como um dialeto idealizado, nossa vivência docente tem mostrado que é forte na comunidade escolar a noção de que as regras por essa gramática prescritas sejam de fato a única formada língua portuguesa.

Diante desse cenário, a premissa que fundamentou nosso trabalho está na necessidade de se abordarem as variações linguísticas a partir de uma reflexão suscitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1998, p.21)

Conforme apontam os parâmetros curriculares, deve-se dar prioridade não à questão de erro quanto à forma, mas partir de uma abordagem que prepare o discente a adequar seu uso às circunstâncias em que se dá o evento comunicativo.

Propusemos, então, uma ação pautada no ensino de língua portuguesa sob a perspectiva sociolinguística variacionista através da interpretação de contos numa turma do 6º Ano do ensino fundamental.

Nós acreditamos que essa tenha sido uma abordagem de língua mensurável que contribuiu de maneira satisfatória e configurou-se numa proposta construtora de uma visão ampla de ensino de língua materna.

Havíamos reconhecido, todavia a possibilidade de abordar, além dos aspectos supracitados, inúmeros outros, todavia, por conta da limitação na qual se enquadrou nosso trabalho, voltamos nossa atenção apenas para os aspectos que dizem respeito à construção do conhecimento da variação linguística regional.

Nossa delimitação deu-se com vistas a preparar o discente para um reconhecimento introdutório sobre como diversidade social linguística e suas implicações na formação da língua, uma entidade heterogeneamente ordenada.

A intervenção realizada no grupo envolvido foi constituída por atividades que promoveram a conscientização sobre a existência das variações linguísticas como forma de legitimá-las.

A escolha de uma turma de 6º Ano do ensino fundamental foi norteadada pelo fato de se pressuposto que os alunos matriculados nesse nível de escolaridade estavam devidamente alfabetizados (expectativa que se confirmou), isto é, já possuíam a habilidade de ler e escrever, o que, nos deu condições mínimas para que buscássemos atingir outra meta, que é, segundo Soares (2002): “[...], criar condições para que os alfabetizados possam ficar imersos num ambiente de letramento”, que, por sua vez, nada mais é, ainda segundo a autora, do que o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Nessa perspectiva, entendemos que, em vista do nível de letramento da coletividade implicada, poderíamos vislumbrar outras questões, conforme nos aponta ainda Soares (2002)

[...] nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos - a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2002,p.58).

Partimos dessa convicção de que o aluno do 6º Ano está devidamente alfabetizado.

Nosso trabalho não teve a pretensão de sanar os mais variados problemas verificados no ensino de língua portuguesa na educação básica. Apenas, a partir dessa experiência, propusemos uma alternativa de favorecimento do processo de ensino-aprendizagem baseado numa análise de aspectos linguísticos para além da norma padrão.

O projeto se estendeu durante duas semanas que compuseram por parte do 3º e 4º período do ano letivo de 2015. O início dos trabalhos se deu com a apresentação da proposta de ensino-aprendizagem aos alunos, no primeiro dos encontros foram expostas todas as etapas, que vão desde a apresentação de contos produzidos pelo autor do trabalho, passando pela discussão sobre esses textos do gênero conto até a reflexão sobre as respostas dadas pelos alunos.

No que se refere às orientações de ordem estrutural textual do gênero conto, foi realizada uma atividade, a fim que se os alunos tivessem uma mínima noção acerca da estrutura desse gênero. Essa atividade era um questionário com perguntas de cunho estrutural do gênero, que, à época, acreditávamos contribuir com a produção dos discentes.

Esperamos que, assim como esse trabalho surtiu seus efeitos positivos no grupo onde foi proposto, seja útil a outros grupos, que seja analisado e adaptado às realidades de onde possa ser aplicado a partir do saber dos profissionais que se proponham a usá-lo.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Ao revisitar alguns autores, somos guiados rumo a respostas para uma das possivelmente inevitáveis perguntas que um leitor há de fazer ao se deparar pela primeira vez com o termo “Sociolinguística”.

No intuito de fornecer-lhe subsídio para que chegue a um esclarecimento minimamente satisfatório e, ao mesmo tempo, fundamentalmente necessário para a

compreensão desse termo, começamos com as palavras de Mollica e Braga (2013), quando, as autoras conceituam a área de pesquisa:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso numa comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 08)

Os estudos sociolinguísticos surgem sob a perspectiva de tratar o fato linguístico a partir de uma abordagem norteadada pela observação dos componentes internos da língua, sem negligenciar o tratamento da influência dos fatores sociais que incidem sobre ela. Segundo Tarallo (2007), essa vertente serve “[...]como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 2007, p. 07).

Embora Saussure (1962 *apud* LABOV, 2008), pioneiro dos estudos linguísticos, tivesse concebido a Linguística “como uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da sociedade” (SAUSSURE, 1962 *apud* LABOV, 2008, p. 217), seus seguidores, a exemplo de Chomsky (1962), sucediam-no postulando uma teoria linguística pautada na investigação de um falante ideal e numa comunidade de fala homogênea, tratando, pois, eventuais variedades como erros aleatórios e característicos ou irrelevantes (CHOMKY, 1965 *apud* LABOV, 2008, p. 218).

Labov (2008), por seu turno, observava que os estudos linguísticos vigentes à época não levavam em conta a vida social e insistiam em explicações do fato linguístico a partir de fatores internos, sem considerar os fatores sociais que incidem no comportamento linguístico (LABOV, 2008, p. 215).

Ao tratar a língua como uma realidade heterogênea, Willam Labov já em sua segunda pesquisa, ocupou-se da estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque, que resultou na sua tese de doutorado, publicada em 1966, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006). Nela, foi desenvolvido o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Halem, Nova Iorque (TARALLO, 2007, p. 07).

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), o baixo rendimento apresentado por crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários foi o ponto de partida para o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Halem. Tinha-se a pretensão de investigar os motivos pelos quais essas crianças apresentavam um rendimento escolar inferior ao das crianças de classes mais favorecidas.

Desde, então, várias são as pesquisas sociolinguísticas que vêm trazendo importantes contribuições ao ensino de língua materna.

Segundo Bagno, Gagne e Stubbs (2002), “[...] o velho ensino da língua que se detinha exclusivamente na análise das palavras e, no máximo, da frase tem de ser abandonado em favor de um ensino-aprendizagem que leve em conta as realizações empíricas da língua, que são os textos.” (BAGNO, GAGNE E STUBBS, 2002, p.54).

As considerações dos autores são ratificadas por Marcuschi (2008), visto que este tem como consensual, entre os teóricos da linguística aplicada, a noção a respeito da forma como lidar com o ensino de língua a partir dos textos, o que nos mostra que é preciso trabalhar as questões da língua a partir de gêneros textuais, pois são nessas macroestruturas que a efetivam.

Para trabalharmos sob a perspectiva variacionista através dos textos, todavia, faz-se necessário compreender alguns conceitos importantes dessa vertente.

De acordo com as contribuições de Ilari e Basso (2006), as variações linguísticas ocorrem sob vários aspectos. Fala-se em “**variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.**” (ILARI; BASSO, 2006, p.153, grifo dos autores).

Os autores trazem o conceito de variação diastrática como sendo as diferenças entre o português falado entre pessoas de níveis de escolaridade distintos. Conforme os autores, é observada uma estreita relação entre grau de escolaridade e a estratificação social.

Segundo Bagno (2007) “[...] variação diamésica é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita.” (BAGNO, 2007, p. 46), isto é, trata-se da análise do fenômeno variável dado pelas diferenças entre os eventos de oralidade e de letramento.

Além das variações sincrônicas, Ilari e Basso (2006) conceituam a variação diacrônica, a qual diz respeito à evolução interna da língua, isto é, na fonologia,

morfologia e sintaxe, e à evolução externa, ligadas à função social de determinada variante linguística ao relacionar-se em dada comunidade. Essa abordagem diacrônica ajuda-nos a entender o fenômeno da mudança linguística.

Tendo consciência acerca do vasto campo teórico em que se dá a heterogeneidade linguística, e que não seria possível tratar acerca de todos aqui, por questões metodológicas, nosso trabalho foi delimitado num exemplo de variação linguística regional, cuja conceituação conta com as contribuições de Bagno (2007):

Varição diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de” e de TOPÓS, “lugar” (BAGNO, 2007, p. 46, grifo dos autores).

O autor discorre acerca da alternância entre os diversos modos de usos de uma mesma língua quando comparados de região para região, de estado para estado, de localidades urbanas em comparação com áreas rurais.

Corroborando as contribuições de Bagno (2007), Ilari e Basso (2006) acrescentamos que há variações linguísticas também entre países diferentes que falam a mesma língua. Sobre essas diferenças entre os modos de falar entre países temos o português falado em Portugal e o português falado no Brasil, além daquelas que existem entre os outros países que falam a língua portuguesa.

3 METODOLOGIA

Nosso trabalho é um recorte da teoria variacionista e trata da variação regional representando as variedades do sertão cearense e da capital gaúcha. Essas variedades dialetais de nossa língua foram representadas por meio das características sociais e geográficas dos personagens, bem como de suas falas no enredo do conto.

Propusemos uma intervenção em busca da conscientização da coletividade implicada, dando-lhes oportunidade para que mostrassem o seu “algo a dizer” e “a fazer”, como defende que se faça Thiollent (2009), em pesquisas sociais nos moldes que nos propomos a realizar.

A pesquisa-ação é o modelo metodológico no qual se insere nosso trabalho. Seguimos com a apresentação do conceito dado por um dos maiores teóricos desse método:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2009, p. 16).

Segundo Thiollent (2009), a pesquisa-ação insere-se no tipo de pesquisa social em que seus procedimentos são realizados através de ações participativas, entre pesquisadores e grupos implicados, em busca de soluções para problemas que repercutam sobre essa coletividade.

Como nossa pesquisa tem por objetivo intervir na sala de aula de alunos de uma turma do ensino fundamental por meio de ações e atividades que promovam a sua conscientização sobre a existência da variação linguística regional, está inserida no referido modelo de pesquisa. Salientamos que, embora o problema da falta de legitimação das diversas variedades seja de amplitude social bem mais abrangente, por limitações dos alcances das ações, nossa pesquisa limita-se a intervir apenas nesse grupo considerado.

Nosso objetivo foi também construir essa conscientização acerca do referido problema, como forma de combatê-lo dentro desse grupo, servindo ainda de modelo a inspirar outras ações proposta a outros grupos com problemas parecidos, sempre ressaltando a necessidade de adaptações conforme as particularidades de cada grupo. Por essa razão é que Tripp (2005) esclarece acerca desse tipo de pesquisa:

[...] como a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais não manipulados, ela não segue os cânones de variáveis controladas comuns à pesquisa científica, de modo que pode ser chamada mais geralmente de intervencionista do que mais estritamente experimental. (TRIPP, 2005, p. 448)

Ao contrário das pesquisas tradicionais que seguem a modelos canônicos de métodos através de seus experimentos, a pesquisa-ação é pautada na intervenção da realidade observada. O que implica afirmar que, diferentemente de um modelo

experimental, em que os sujeitos pesquisados configuram-se em meros informantes e executores de ações, muitas vezes, alheios aos passos do processo, o modelo de pesquisa no qual nosso trabalho se insere é construído, em cada passo, através da participação consciente dos membros do grupo implicado.

Thiollent (2009) alerta que o pesquisador deve abster-se de eventuais exageros na busca dos objetivos propostos em suas ações, uma vez que nem todos os problemas podem ser resolvidos através de uma intervenção. Muitos deles são bastante complexos e precisariam de muitas ações, e através de um processo longo. Nesses casos, faz-se necessário que as ações sejam direcionadas para tomada de consciência do grupo considerado como forma de desenvolver neles uma consciência a respeito de tais problemas. Isso há de torná-los agentes de transformação da realidade ou, pelo menos, muitas vezes, pelo simples fato de terem desenvolvido um conhecimento crítico acerca de tal realidade coletiva, são instigados a frearem as consequências de tais problemas no meio em que estão inseridos.

Consideramos, então, que nossa intervenção se insere no tipo de pesquisa postulado pelo autor. Além disso, defendemos que obtivemos êxito, uma vez que, a discussão dos resultados nos mostra essa tomada de consciência entre os participantes de todas as ações propostas através da intervenção da pesquisa.

Os procedimentos dessa pesquisa foram aplicados numa turma de 6º ano do ensino fundamental com vinte e quatro alunos matriculados, dos quais, por motivos de tratamento de saúde, problemas com transportes, apenas treze participaram de todas as aulas. Desse total dos que foram a todas as aulas apenas treze produziram o texto.

Ao adotarmos alguns procedimentos para verificar a autenticidade da autoria, reduzimos a dez os textos analisados, dos treze que acompanharam todo o processo.

Os passos desse trabalho foram dados durante duas semanas que compuseram o terceiro período do ano letivo de 2015. De cada uma dessas semanas foram utilizadas 2h/a (ministradas durante os encontros das quartas-feiras) - de um total de 6h/a semanais da disciplina de Português, que compõem o cronograma semanal de aulas da turma.

Na primeira semana, procedemos assim: abordagem do conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* através da leitura oral coletiva (dividida por parágrafos entre os alunos voluntários) e, em seguida, da atividade sobre o conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* com questões que levaram o aluno ao conhecimento e à compreensão da variação linguística, bem como à noção de respeito aos falantes de variedades diversas, visando à desmistificação da noção de um dialeto superior em detrimento de outros.

Na segunda semana, por sua vez, os trabalhos prosseguiram desta forma: retomada do conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* para correção coletiva do exercício proposto com espaço para interação entre os discentes por meio de socialização de suas respostas, após a leitura de cada questão por parte do professor.

4 INSTRUMENTOS DE COLETA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISA

Com a aplicação do conto de nossa autoria, *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*, foi proposto um questionário contendo quatorze itens cujo objetivo geral era construir um caminho que levasse os participantes ao reconhecimento da realidade apresentada no enredo, isto é, chegassem à conclusão de que existem variações linguísticas regionais e que o não reconhecimento dessa realidade gera problemas, como a deslegitimação e estigmatização de outras variedades.

Devido à grande quantidade de itens, que necessitaria uma extensa análise de dados, escolhemos, dentre os quatorze itens, apenas dois: o item 01 (Pelo que você leu no conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*, diga qual foi a grande dificuldade que Pedrinho encontrou desde seu primeiro dia de aula em Porto Alegre) e o item 14 (Sabendo que existem essas variedades linguísticas, explique com suas palavras o que seria uma variação linguística regional), como forma de avaliar a compreensão dos participantes acerca dos conhecimentos partilhados a partir do enredo desse conto.

Reconhecemos que outros itens poderiam ser analisados, mas preferimos analisar esses dois, por acreditarmos que os dados dos informantes apontados nesses dois itens nos revelam os dados que buscamos. Portanto, a discussão dos

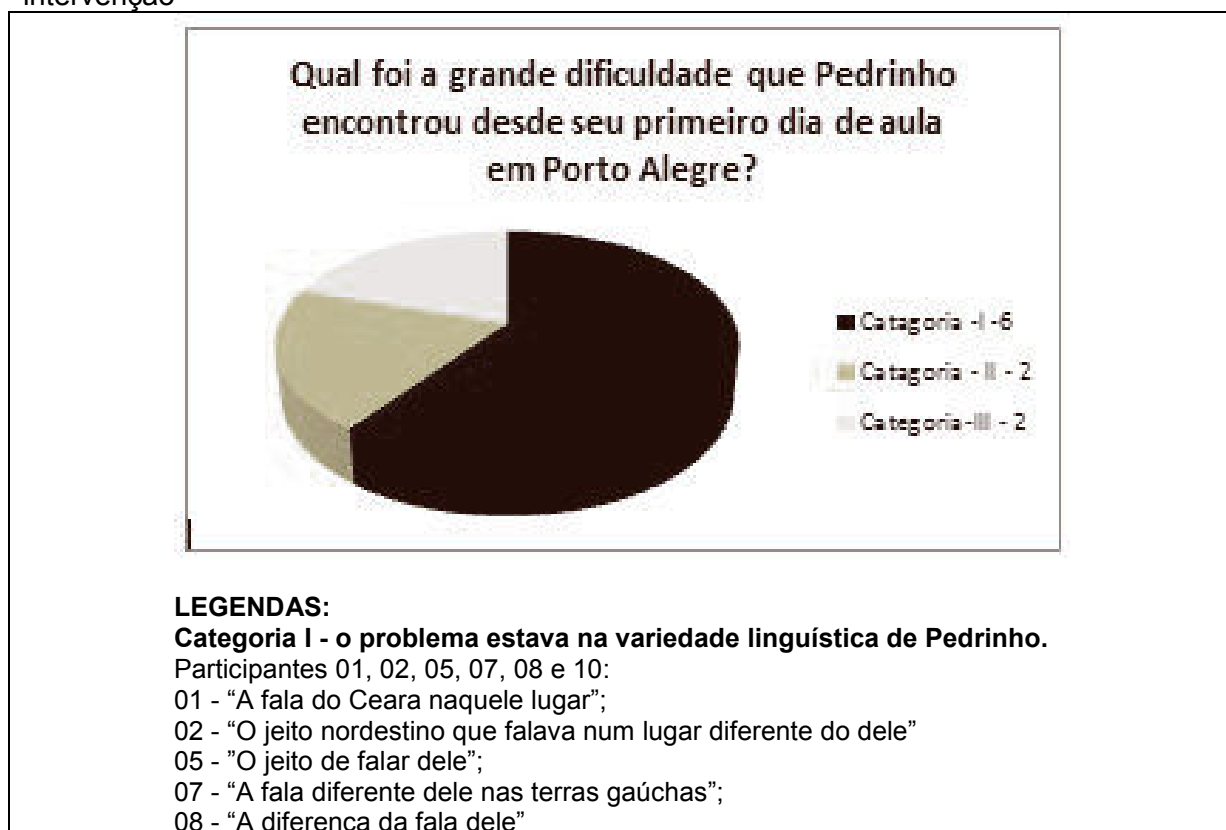
dados sobre reconhecimento da variação diatópica se deu através da análise de duas respostas da atividade *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*.

No primeiro item, buscamos avaliar a primeira noção dos discentes sobre a existência de variedades linguísticas, objetivando conscientizar acerca do preconceito linguístico e verificar como concebiam o problema de uma visão preconceituosa que nega a legitimidade de variedades linguísticas regionais diferentes.

Esperava-se, nesse primeiro momento de reflexão, uma percepção dos discentes sobre a existência de variedades linguísticas e uma conclusão de que o grande problema de Pedrinho foi a falta de conhecimento a respeito de outras variedades por parte dos alunos daquela escola.

Ao serem indagados sobre “qual foi a grande dificuldade que Pedrinho encontrou desde seu primeiro dia de aula em Porto Alegre”, os discentes apresentaram respostas muito parecidas, que apontavam timidamente para o alcance do objetivo geral da nossa intervenção, conforme podemos verificar na Gráfico 1.

GRÁFICO 1: Respostas apontando parcialmente para o alcance do objetivo geral da intervenção



10 - “Não saber falar como os gaúchos no primeiro dia de aula”.

Categoria II – O problema estava no não reconhecimento/aceitação da variedade linguística de Pedrinho.

Participantes 03 e 04:

03 - “Não aceitavam o modo dele falar”;

04 - “Não aceitaram a fala dele diferente”.

Categoria III - O problema estava no “preconceito” ao dialeto de Pedrinho.

Participantes 06 e 09:

06 - “O preconceito dos colegas com a diferença da fala de dele” e

09 - “Preconceito por causa do seu jeito de falar”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na primeira categoria, estão os participantes 01, 02, 05, 07, 08 e 10 com as respostas “A fala do Ceara naquele lugar”; “O jeito nordestino que falava num lugar diferente do dele”, “O jeito de falar dele”, “A fala diferente dele nas terras gaúchas” “A diferença da fala dele” e “Não saber falar como os gaúchos no primeiro dia de aula”, respectivamente, apontaram para o entendimento de que o problema estava na variedade linguística de Pedrinho.

Na segunda categoria, os participantes 03 e 04 com as respostas “Não aceitavam o modo dele falar”, e “Não aceitaram a fala dele diferente”, apontaram para noção de que o problema de Pedrinho naquela sala de aula estava ligado ao não reconhecimento por parte dos meninos gaúchos a respeito de sua variedade linguística, tratando-a como estigmatizada. Esses dois participantes, consideramos, alcançaram o objetivo proposto neste item.

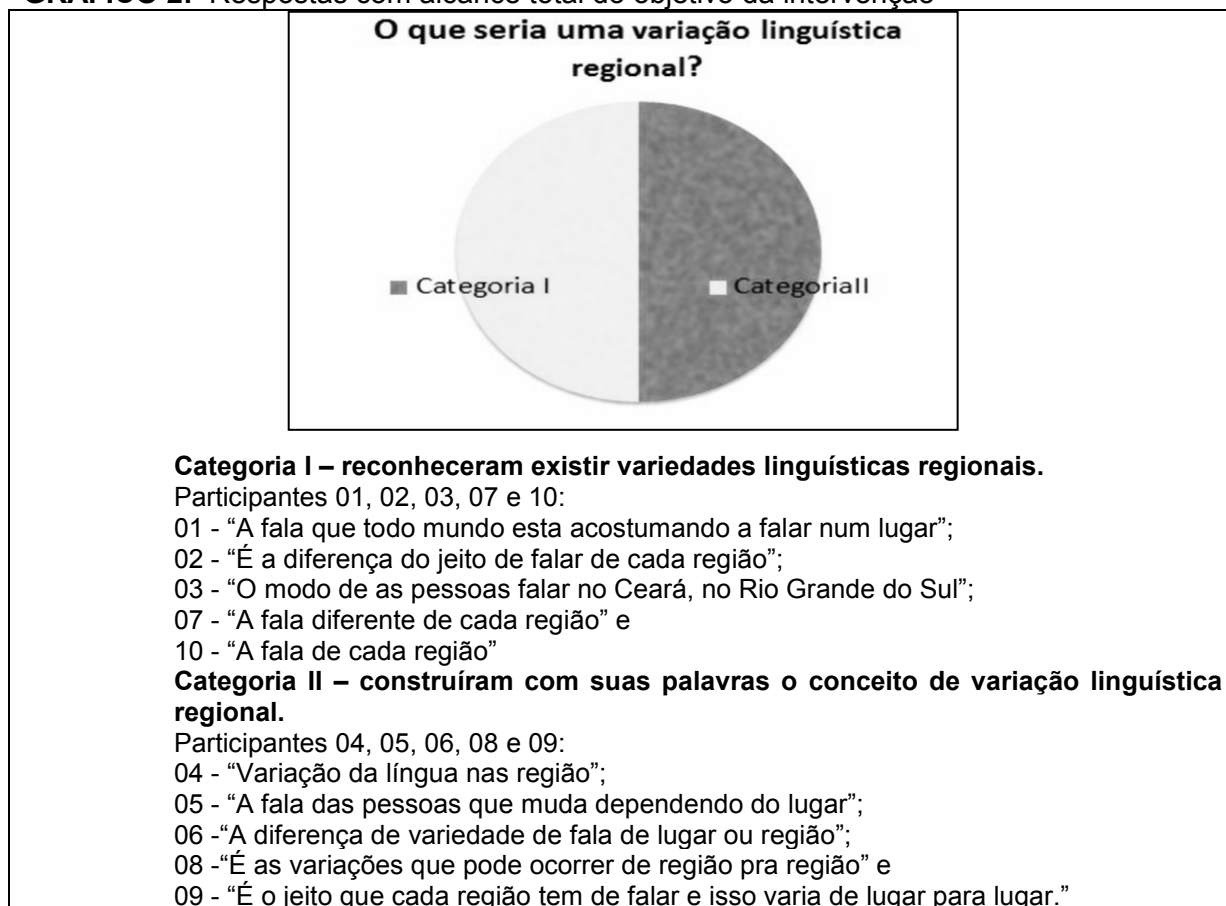
Na terceira categoria, podemos perceber que os participantes 06 e 09, com as suas respectivas respostas: “O preconceito dos colegas com a diferença da fala de dele” e “Preconceito por causa do seu jeito de falar”, deram evidentes sinais de que reconheceram a presença do preconceito linguístico no conto.

No segundo item, esperava-se que o (a) discente, depois de toda discussão traçada durante o percurso, construísse o conceito de variação linguística regional, a variação da língua de uma região para outra.

Ao avaliarmos as respostas dos discentes nesse item, verificou-se que todos os participantes conseguiram compreender o conceito de variação linguística.

Ao ser pedido que eles conceituassem com suas palavras o que seria uma variação linguística regional, obtivemos duas categorias de respostas, conforme nos o gráfico 2:

GRÁFICO 2: Respostas com alcance total do objetivo da intervenção



Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira categoria de respostas, embora tenha sido dada com uma leve confusão entre o conceito de variação e variedade, que é normal em principiantes no contato com a teoria variacionista, avaliamos que as respostas tenham sido satisfatórias. Nesse grupo, estão os informantes 01, 02, 03, 07 e 10, com as seguintes respostas, respectivamente: “A fala que todo mundo esta acostumando a falar num lugar”, “É a diferença do jeito de falar de cada região”, “O modo das pessoas falar no Ceará, no Rio Grande do Sul”, “A fala diferente de cada região” e “A fala de cada região”. Nossa avaliação positiva acerca dessas respostas se dá por conta de que, mesmo tendo confundido esses termos, só o fato de se declarar que existem variedades linguísticas regionais já revela a existência da variação entre cada uma delas.

Na segunda categoria, estão aqueles que construíram, com suas palavras, mas com a devida coerência em que é empregado o termo pelos estudiosos da área, o conceito de variação linguística regional. Nesse grupo, estão os participantes 04, 05, 06, 08 e 09, com as seguintes respostas, respectivamente: “Variação da língua nas região”, “A fala das pessoas que muda dependendo do lugar”, “A diferença de variedade de fala de lugar ou região”, “É as variações que pode ocorrer de região pra região”, “É o jeito que cada região tem de falar e isso varia de lugar para lugar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi iniciado com o objetivo de tratar a heterogeneidade linguística como uma realidade inerente ao sistema linguístico, um importante passo para a desconstrução da concepção homogeneizante da língua. Foram duas semanas utilizando dois dos quatro horários destinados às aulas de língua portuguesa. Houve alguns problemas com transportes, que impossibilitaram parte da turma de participar de todo o processo. Todavia, do grupo que teve condições de participar do início ao fim das atividades, colhemos resultados satisfatórios.

Nossa conclusão é embasada no cruzamento dos resultados obtidos por meio do nosso trabalho com o que declara Thiollent (2009): “Na investigação associada ao processo de reconstrução, elementos de tomada de consciência são levados em consideração [...]” (THIOLLENT, 2009, p. 82).

Dessa forma, ratificamos nossa defesa de que se configura exatamente dentro dessa perspectiva apontada por Thiollent: a nossa pesquisa, bem como os resultados obtidos, uma vez que consideramos ter dado início a uma tomada de consciência do grupo, poderão nortear um processo de reconstrução da visão dos participantes a respeito da realidade linguística como entidade heterogênea.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M.; GAGNÉ, G. & STUBBS, M. *Língua materna: Letramento variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. William Labov; tradução marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.-São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo, Parábola, 2008.
- MOLLICA M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, Maria Luiza [Orgs.]. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno: revisão técnica Carlos Alberto Faraco; Posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO:

A FALA DE PEDRINHO EM TERRAS GAÚCHAS

Marcílio Nunes

Numa pequena localidade rural do sertão central cearense, lá estava Pedrinho brincando com seus coleguinhas. Eram as mesmas brincadeiras de sempre, mas brincavam com o mesmo entusiasmo todos os dias. É que para eles o tipo de brincadeira importava menos do que as companhias. Pedrinho, loiro dos olhos claros, com apenas 9 anos de idade, descendente de gaúchos, nem se dava conta das dificuldades que estavam chegando por causa da seca que castigava todo o sertão do Ceará naquele ano.

No fim da tarde, seu pai voltava do lote, onde ficava o gado, muito triste, e começa a lamentar-se para sua mãe da morte de mais uma de suas poucas vacas. Dizia que, se continuasse sem chover, em semanas, perderiam tudo e não teriam mais como sobreviver naquele lugar. Em meio à conversa, seu Paulo resolve procurar o número do telefone de um primo lá do Rio Grande do Sul, que havia anotado fazia muitos anos, para verificar se, na terra natal de seus avós, as coisas estavam melhores do que no Ceará. Quando achou, correu para mercearia de seu Álvaro, comprou um cartão telefônico fiado e, com muita peleja, conseguiu fazer a ligação.

___ Lô, é da casa do Pretus?! ___ Seu Paulo no telefone.

___ Tu quer dizer Petrus, não, tchê?

___ Isso, isso! ...É o danado do meu primo mermu! Cê pode chamá ele pra eu?!

___ Sim, posso, senhor! Tu aguarda só um instante.

___ Pois chame ligerim, minha fia, que o cartão tá só: tu, tu, tu e rai já papocá!

___ Só um instante. ___ Respondeu Carla, filha de seu primo, pensando consigo: quem é este doido?!

___ Pai, tem um senhor com uma fala engraçada no telefone dizendo que é teu primo...

Petrus corre para atender o telefone.

___ Alô, quem fala? É o Paulo, meu primo, que nasceu nas terras secas do Ceará, tchê?!

___ Sô eu sim, seu danado! Há há há...Tudo bem cum ocê?!

___ Bah, tchê, tudo tri-legal! Quanto tempo, hein?! ...A última vez que veio aqui teus pais ainda eram vivos, tchê! ...Mas bah, tchê, tu está bem?!

___ Mais ou menos, primo!

___ O que te houve, então, tchê?! Fala!!!

___ Aqui em noís, tá uma seca da moléstia, e num tá dânu pra ficá mais puraquinaum, ó!?...Cê sabe a cuma é, né?!

___ Barbaridade, tchê!!!...E o que tu está pensado em fazer?!

___ Quiria sabê se num tem algum trabai pra mim puraí, primo?!

___ Na empreiteira onde trabalho, primo, tem vaga, mas só para servente e o salário é pouco, não passa de 1200 pila...

___ E, se arrente fôimborapraí, cê arranja um trampo desse prêutrabaiá, primo? ___ Respondeu Paulo, pensando consigo: Ora se num rô?!... Tô quais pra passá fome com minha famíanesse sequidão!

___ Sim, tchê, é fácil. E ainda tem como arrancar um lugar para tu ficar com tua família porque tem muita vaga, e a empresa não consegue preencher só com a mão de obra local.

___ Pois ramuarrumáurbregueço e arrente raisimborapraí, primo!

___ Certo! Tu só não te esquece de avisar, tchê!

___ Pode deixá... Até mais vê, primo!

___ Pois te arranca daí, tchê! Vai ser tri-legal te rever!!!...

Chegando em casa novamente, Paulo conta tudo para Maria das Dores, sua esposa, e diz a ela que havia recebido de seu Fortunato uma proposta para a compra de suas vaquinhas. Seu Fortunato era proprietário de muitas terras onde havia dois grandes açudes que, embora não chovesse por mais de dois anos por ali, ainda armazenava água para muito tempo.

___ Muié, o dinhêru é poquim, mar dá pra arrente pagá ar passage e ir simbora, pro mode arrente num passe fome, nesse miserê daqui! ___ Comenta Paulo com os olhos marejados.

___ Tá bom, homi!... arrente num é de murrê de fome, né! Entonce, râmusimbora, e seja que Deus quisê! ___ Responde Maria das Dores de coração partido.

___ Entonce, râmu, cuidá: rocê junta ur cacareco, que eu rôrendê o gado pro seu Fortunato, pra modenóis ir!

___ PEDIM, PEDIM, PEDIM, RENHA CÁ, MEU FI!!!... Grita Maria das Dores.

___ Tôínu, mamãe!!!... Tôchegânu!... Pronto cheguei!!!... Responde Pedro com grande entusiasmo.

___ Pedim, meu fi, arrente raisimboramorá lá nar banda do Sul. A Deusquerê, arrente riaja ainda amenhãcedim, na primeira lotação!

___ Mamãe, eu posso chamá meu zamígu pra ir cum arrente?!

___ Pode naum, não, meu fi, mar lá rocêraitêôtuzamigu pra brincá...

___ Mar, mamãe, eu gosto é dur meu zamígu daqui... Arrente brinca todo dia e nem arenga mais... E se urmininu de lá arengá cum eu, hein?!

___ Num vão não, Pedim... rá lá rá, se dispidadurminínu, que amenhã arrente raisimbora! ___ Respondeu a mãe com grande tristeza.

Depois das despedidas, de ter sido arrumada a bagagem e de terem secado as lágrimas dos olhos de tanta tristeza, enfim, dormiram.

Ao amanhecer, partiu na lotação para rodoviária da cidade, onde pegariam o ônibus com destino à capital gaúcha.

O menino Pedrinho era só tristeza. Não parava de pensar nos coleguinhas que havia deixado para trás. Mas, com sua inocência de criança, tinha esperança de que iria encontrar novos amigos que pudessem suprir a saudade que lhe apertava o peito.

Depois de três dias de viagem, chegaram à rodoviária de Porto Alegre, de onde pegaram um táxi direto para o alojamento da firma, onde os esperava Petrus, primo de Paulo, um dos encarregados por aquela obra.

Como Petrus era um homem estudado e sabia da importância de as crianças permanecerem na escola, já havia providenciado tudo para que Pedrinho começasse a estudar tão logo chegasse.

No dia seguinte Pedrinho vai à escola da sua nova cidade. Todos o olhavam com entusiasmo por achá-lo muito bonito e não podiam conter a vontade de logo logo fazer amizade como o aluno novato.

De repente, a professora, fazendo a chamada, grita:

___ PEDRO MARTINS SOARES!

___ É eu, professora!!!_ Responde Pedro, com a espontaneidade de sempre.

___ Não é eu...Sou eu, guri! Retruca a professora com um ar de desprezo.

___ Naum, professora! A sinhora é rocê...eu é eu mêmu..mar pode chamá de Pedim, riu?!_ Replica Pedrinho sem temores.

Todos os garotos da sala ficaram perplexos com o modo estranho de falar do garoto e começaram a rir dele! Ouviram-se até vaias contra o pobre do Pedrinho. E muitos deles repetiam:

___ **Ala-putcha-tchê.!!!... Há háháBah, Que meRda!... Que guriabostado! Sabe nem falar!!! Xaropeou a aula!!!Há háhá!**

E daquele dia em diante, os meninos o evitavam, pois o consideravam alguém pouco inteligente por causa de sua fala.

Todos os dias a exclusão que sofria Pedrinho por parte dos alunos daquela escola só aumentava a saudade que tinha dos coleguinhas que havia deixado no interior cearense. Lembrava que, em nenhum momento, sofrera bullying na escola onde estudava, em sua terra, por conta de sua forma de falar. E, embora achasse muito feio o sotaque do povo de Porto Alegre, tentava imitá-los para ver se era aceito pelos colegas de classe. Essa peleja de Pedrinho já durava por mais de três meses, e a saudade de sua terra natal só aumentava. Tudo isso estava atrapalhando em muito seus estudos. É que, desde o primeiro dia de aula, evitava até tirar dúvidas que surgiam nas atividades, com vergonha do seu jeito de falar.

Por esses dias, quando Pedrinho chegava da escola, seu pai comenta com ele e com sua mãe que aquela construção em breve não teria mais serviço para serventes, mas que não se preocupassem, que havia começado a chover há duas semanas no sertão cearense e que também seu Fortunato havia ligado para ele, chamando-o para trabalhar na fazenda como vaqueiro, pois, com as chuvas fortes, os açudes haviam armazenado bastante água, e o fazendeiro tinha muito gado comprado durante a seca, por isso, precisava de um cabra trabalhador para ajudá-lo. Avisou ainda que as poucas terras de Paulo estavam prontas para serem limpas e para o cultivo.

___ Quer dizê que arrente raivoltá pro sertão e eu rôrê de novo meu zamígu e rô puder brincá cum minínu de novo?!...Rô puder falá sem se precupá cum ninguém pra mangá deu?! EH!!!_ Grita Pedrinho, com muita felicidade.

Desde esse dia, Pedrinho, não se continha de ansiedade; não parava de imaginar que poderia reviver tudo que deixara um dia para trás por conta da seca.

Finalmente chega o dia da viagem de volta para o Ceará, Pedrinho, dentro do ônibus, muito contente pensava:

___ Ora mais!!!... Um diacho dum povo que fala fêi que só a peste mangânu deu!!!..Oia?!... Má rapaz!!!...Rãotudimpa baixa da égua, magote de fulerage, que eu tô é capânu o gato! IEEEEEEEEEEEEEEEE!!!

**DISCIPLINAMENTO DO CORPO FEMININO:
MÍDIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

**DISCIPLINING THE FEMININE BODY:
MEDIA AND PRODUCTION OF SUBJECTIVES**

Karla Jane Eyre da Cunha Bezerra Souza¹⁵

RESUMO: Estamos numa sociedade marcada pela individualidade de natureza narcisista, pelo culto às aparências e pela transformação do corpo em mercadoria (como algo que pode ser oferecido e comprado). E a mídia publiciza esses novos padrões de comportamentos para se conquistar o corpo belo e saudável, aquele que se insere no padrão estético vigente. Neste contexto, a cada dia surgem milhares de blogs que constituem novas práticas discursivas e incutem na mulher o padrão de beleza que deverá ser perseguido. Os blogs são novas tecnologias a serviço do poder que auxiliam na transmissão dos saberes do corpo, a fim de tornar o exercício do poder mais eficiente. Pretendemos aqui analisar, partindo de uma perspectiva foucaultiana, as relações de poder dos discursos sobre o corpo feminino e como esses discursos operam na fabricação de sujeitos de corpos submissos. Para esse fim selecionamos o blog <http://gabrielapugliesi.com/>, da Gabriela Pugliesi, que consiste numa ferramenta de interação direcionada ao público feminino cujo trabalho é construir e fazer circular discursos que promovem os estilos de vida tidos como saudáveis, caracterizados por dietas restritivas, séries de exercícios especializados em modelar milimetricamente o corpo e a ingestão de medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Poder. Corpo. Subjetividade.

ABSTRACT: We are in a society marked by narcissistic individuality, by the cult of appearances and the transformation of the body into commodity (as something that can be offered and bought). And the media publicize these new patterns of behavior in order to conquer the beautiful and healthy body, one that is part of the current aesthetic standard. In this context, every day thousands of blogs appear that constitute new discursive practices and instill in women the pattern of beauty that should be pursued. Blogs are new technologies at the service of power that help in the transmission of the knowledge of the body in order to make the exercise of power more efficient. We intend here to analyze, from a Foucault's perspective, the power relations of the discourses on the female body and how these discourses operate in the fabrication of subjects of submissive bodies. To that end, we selected Gabriela Pugliesi's blog <http://gabrielapugliesi.com/>, which is an interaction tool aimed at the female audience whose work is to build and circulate speeches that promote healthy lifestyles characterized by diets restrictive, series of exercises specialized in modeling the body and the ingestion of medications.

KEYWORDS: Power. Body. Subjectivity.

¹⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró-RN, Brasil, karlajane@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Há uma enorme preocupação dos indivíduos com os seus corpos e uma simultânea insatisfação em não corresponder à expectativa corporal que lhes é colocada pela sociedade na qual estão inseridos. Neste contexto, surge o “mercado da beleza”, constituído por academias de ginásticas, medicamentos, produtos de beleza, manuais de dietas e as cirurgias plásticas que materializam no corpo todo o trabalho da ideologia dominante, através da colonização do inconsciente. Todos os corpos e qualquer parte de sua materialidade podem ser modificados, trabalhados e aperfeiçoados, tornando-se assim um corpo dócil e útil ao sistema capitalista industrial que conduz a nossa contemporaneidade.

Estamos numa sociedade marcada pela individualidade de natureza narcisista, pelo culto às aparências e pela transformação do corpo em mercadoria (como algo que pode ser oferecido e comprado). O corpo é lugar de intervenções comerciais e políticas que constituem um corpo alienado e alienante, objeto e instrumento do poder que reproduz a imagem corporal idealizada e desperta o interesse, ou melhor, faz com que outros acreditem que precisam fazer parte dessa ordem discursiva e ser autorizados, também, a exhibir o corpo. Há uma perseguição contínua deste modelo que é vendido através da mídia, com a promessa de que, o sujeito, ao alcançar este corpo ideal alcançará também a felicidade e o bem-estar. Nasce o novo arquétipo da felicidade, a felicidade corpórea.

Assiste-se ao desejo constante da visibilidade do corpo feminino, mas não é para qualquer corpo que é permitida a exposição. Não é qualquer corpo que pode ser exibido em sua interação como o outro e com o ambiente que o cerca. É dada a visibilidade somente àquele corpo obediente, disciplinado, modulado pelas relações de poder que o constituíram como sujeito. E na mídia vemos, exaustivamente, a reprodução dessas imagens corporais aliadas aos discursos que legitimam o padrão de beleza imposto socialmente e conduzem os sujeitos, principalmente as mulheres, para o interior de práticas discursivas controladoras que governam suas vidas e promovem a sujeição a esses discursos.

Neste contexto, a cada dia surgem milhares de *blogs* que constituem novas práticas discursivas e incutem na mulher o padrão estético que deverá ser perseguido. Os *blogs* são novas tecnologias a serviço do poder que auxiliam na

transmissão dos saberes do corpo, a fim de tornar o exercício do poder mais eficiente. Articulam a circulação de discursos que são recebidos pela sociedade como a verdade inquestionável, fazendo com que os indivíduos apropriem-se de suas ideias e de seus valores que conduzirão suas ações.

Pretendemos aqui analisar, partindo de uma perspectiva foucaultiana, as relações de poder dos discursos sobre o corpo feminino e como esses discursos operam na fabricação de sujeitos de corpos submissos. Para esse fim, selecionamos o *blog* <http://gabrielapugliesi.com/>, da Gabriela Pugliesi, que consiste numa ferramenta de interação direcionada ao público feminino cujo trabalho é construir e fazer circular discursos que promovem os estilos de vida tidos como saudáveis, caracterizados por dietas restritivas, séries de exercícios especializados em modelar milimetricamente o corpo e a ingestão de medicamentos.

2 SUJEITO E PODER

O sujeito, tido como resultado de relações sócio-históricas, constitui o objeto central das análises de Michel Foucault, cuja pesquisa procura “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). O interessante então não é saber o que é o sujeito humano, mas sim como o indivíduo torna-se sujeito perante as mais diversas práticas. Na concepção de Foucault, não se chega ao sujeito em si, a não ser pelas relações e práticas que o constitui.

Temos aqui um sujeito que não é totalmente livre (não tem o domínio absoluto de si) e nem completamente determinado por mecanismos exteriores a ele, sendo o resultado de relações de forças incessantes. O sujeito, conforme o pensamento foucaultiano, configura-se de maneira incompleta, pois não possui uma essência fixa e acabada. É formado pelas experiências históricas e constituído através das práticas e tecnologias desenvolvidas na sociedade (saber/ poder) para construir subjetividades e identidades obrigatórias. É um sujeito limitado pelos jogos da verdade de sua época e de sua cultura, construído no discurso e através dele, assumindo as posições próprias dos discursos que articula, ou seja, os indivíduos identificam-se com a posição de sujeito que lhes é atribuída no interior de um dado

discurso, sujeitando-se às suas regras e tornando-se portadores dos seus sentidos e de suas representações.

Para Foucault (1995), parece impossível falar do sujeito sem remeter ao fenômeno do poder, pois não existe sujeito fora das relações de poder. Machado (2017), seguindo o pensamento de Foucault, vai afirmar que este poder opera através de seus mecanismos na natureza do indivíduo, controlando seu comportamento, seu corpo, seu discurso, ditando regras, construindo condutas que se deve seguir para ser aceito em sociedade.

Estamos no interior de uma sociedade repleta de poderes cuja função é trabalhar o indivíduo a fim de incutir uma nova forma de ser sujeito, aquela que vai oferecer uma certa utilidade. O poder, que funciona através do discurso, desenvolve procedimentos que controlam o que é dito, por quem é dito e como esses dizeres se distribuem na ordem discursiva. Limita a produção dos discursos, utilizando-se, para isso, das interdições e rejeições; e seleciona os sujeitos falantes, pois ninguém entrará na ordem do discurso se não atender a certas exigências (FOUCAULT, 2012). São procedimentos de rarefação do discurso, a fim de se efetivar as relações de poder, desviar os perigos e dominar seu acontecimento aleatório, ou seja, manter a ordem dos discursos controlada.

O discurso é ao mesmo tempo soberano e prisioneiro. Aquilo ao qual o homem cede, que o conduz em sua superfície translúcida, que age e pensa por ele, que dita os enunciados necessários e autoriza os enunciados possíveis. Mas também a exterioridade selvagem que precisa ser dominada por sistema de interditos e domesticada por fórmulas de legitimação; a fim de conjurar sua imprevisibilidade e fixá-la numa ordem (ROUANET, 1996, p. 13-14).

Vale lembrar que não estamos nos referindo aqui ao poder como um objeto, como algo que se possui ou lugar que se ocupa, mas ao poder multidirecional. São os micro-poderes dispersos em todas as sociedades, cujos efeitos controlam os discursos e determinam o sujeito, fabricando uma identidade obrigatória que é, ao mesmo tempo, efeito e instrumento do poder. A rede de poderes atravessa todas as instâncias da sociedade (escola, hospital, fábrica, prisão etc.), exercendo seus mecanismos de controle e buscando novos métodos e novos saberes para aperfeiçoar o trabalho da subjetivação. De acordo com Fernandes (2012, p.57), “o

poder coloca em jogo relações entre sujeitos. O poder é um exercício, *um modo de ação de alguns sobre outros*, existe somente em forma de ação, uma ação sobre sua própria ação, ação sobre ações, uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas”.

Machado (2017, p.18) ressalta que “ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto que se possui”. É uma forma de poder que penetra a vida cotidiana do indivíduo transformando-o em sujeito cuja condição é possível devido à proliferação de discursos, a partir da produção e reprodução pelos sistemas de poder, de determinados discursos com a finalidade de serem recebidos pela sociedade como a verdade que deve ser reconhecida. Tais discursos têm como função a determinação de papéis preestabelecidos para os sujeitos, no sentido de fazer com que os indivíduos apropriem-se de suas idéias e de seus valores que conduzirão suas ações. Assim esses sistemas de poder pretendem suscitar no indivíduo o papel que ele precisa desempenhar na sociedade.

3 PODER DISCIPLINAR E CORPO

Em seu livro intitulado “Vigiar e Punir”, Michel Foucault (2005) nos apresenta uma nova forma de poder coercitivo que trabalha diretamente o corpo do indivíduo para constituí-lo como sujeito. É o poder disciplinar que aparece a partir do século XVIII, no Ocidente, para substituir o poder soberano, predominante nos regimes absolutistas da Europa.

Os suplícios realizados em praça pública, que marcavam o corpo do condenado e retiravam-lhe a vida, tinham o propósito de causar dor e sofrimento físico para motivar a transformação da alma do supliciado e, dessa forma, alcançar a sua salvação no outro mundo, em acordo com a crença religiosa dominante da época. As revoluções liberais e o desenvolvimento do iluminismo, resultados da conseqüente transformação do campo dos saberes, transformaram a sociedade da época, fazendo com que os corpos marcados e esquartejados, dados como espetáculo, despertassem o terror e o repúdio da população.

A punição pouco a pouco deixou de ser uma cena. E tudo o que pudesse implicar de espetáculo desde então terá um cunho negativo; e como as funções da cerimônia penal deixavam pouco a pouco de ser compreendidas, ficou a suspeita de que tal rito que dava um ‘fecho’ ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes aos assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e admiração” (FOUCAULT, 2005, p. 25).

O poder de soberania concedeu espaço ao poder disciplinar, que elege o corpo como objeto e alvo de poder. A partir dessas transformações socioculturais, resultantes do desenvolvimento do campo do conhecimento, momento em que o indivíduo se torna o objeto sobre o qual recai o saber, houve uma mudança de objetivo e fez surgir a preocupação de salvar o corpo ainda neste mundo, de mantê-lo vivo para discipliná-lo e controlá-lo. Nasce daí a preocupação de “não mais tocar no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente” (FOUCAULT, 2005, p. 14). O corpo encontra-se em posição de instrumento ou de intermediário, que responde à ação do poder através de comportamentos, de ações, de práticas que constituirão o indivíduo como sujeito. O corpo torna-se a superfície de disciplinamento.

O indivíduo está inserido numa “*economia política*” do corpo, ainda que não seja para castigá-lo, reprimi-lo, ainda que não se utilize da violência. Nesse jogo de relações, é o corpo que interessa, o poder utiliza métodos para corrigi-lo ou adestrá-lo, a fim de usufruir de suas forças e assegurar vantagens. Aproveita-se da utilidade e docilidade do sujeito, através da submissão do corpo. Não significa dizer que a teoria do poder se fundamenta numa relação de apropriação do corpo, como o que acontece na escravidão, mas sim a uma rede de relações sempre em atividade, a um jogo de técnicas, de funcionamentos que agem sobre o corpo a fim de transformá-lo e aperfeiçoá-lo.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela

procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2005, p. 119).

Toda relação de poder repercute em um campo de saber. “Poder e saber estão diretamente implicados; toda relação de poder requer um campo de saber. Da mesma maneira, o saber é produzido em relações de poder múltiplas” (FERNANDES, 2012, p. 61). O corpo, superfície sobre a qual recai o poder, transforma-se em objeto de saber e, a partir de sua observação e exame, forma-se o acúmulo de informações, de saberes sobre o corpo, que busca estratégias para manter o controle desse corpo, preso nas malhas finas dos poderes.

4 CORPO E MÍDIA

Na primeira figura de nosso *corpus*, temos uma pequena apresentação da blogueira *fitness* (a palavra do momento), Gabriela Pugliesi, que exhibe o seu corpo como um troféu conquistado. Antes era uma anônima e hoje, após o trabalho de transformação do próprio corpo, tornou-se uma celebridade. O seu corpo lhe trouxe visibilidade na mídia e autorização para falar.

FIGURA 1: Apresentação da Blogueira.



FONTE: <http://gabrielpugliesi.com/sobre/>

Evidenciamos, no curto texto da **Figura 1**, a tentativa de aproximação com os leitores, para assim trazê-los ao interior das relações de poder que irão modelar milimetricamente o seu corpo. É possível perceber também a revelação de que aquele corpo fora do padrão estético estabelecido é tratado como um corpo doente com problemas de autoestima.

Michelle Perrot (2003) vem nos dizer que a história do corpo feminino é envolvida pelo silêncio, fala-se desse corpo, porém, ele se cala. Hoje a mulher está autorizada a falar de seu corpo, mas para falar somente os discursos autorizados, aqueles que vão fortalecer o padrão estético estabelecido socialmente. No *blog* analisado, há circulação de discursos que buscam a padronização de estilos de vida e a incitação de comportamentos.

Na época contemporânea, as coisas mudam, o foco e o ruído se modificam. O corpo em geral, o corpo da mulher em particular, por ser estratégico no jogo demográfico, passa a ser um centro de saberes mais apurados, de poderes mais articulados e, conseqüentemente, lugar de um discurso superabundante, às vezes até verborrágico. (PERROT, 2003, p.22).

O corpo assume hoje uma posição que antes fora ocupada pela alma, numa época em que se anulava o corpo e buscava-se a salvação da alma no “outro mundo”, ou seja, atualmente grande parte das preocupações e cuidados volta-se para o corpo. Ganham importância nos estudos sobre a corporeidade contemporânea o corpo-atleta, o corpo-sexo, o corpo medicalizado, o corpo higienizado, o corpo transformado por intervenções cirúrgicas etc. Crescem as atenções para o corpo, seja para proporcionar-lhe saúde ou para preservar a sua juventude e beleza. Diante disso, uma série de procedimentos de cuidados corporais é desenvolvida e imposta à mulher, com o propósito de garantir a sua salvação ainda “neste mundo”.

O avanço, no campo dos saberes sobre esporte e saúde, transforma o cenário social. As atividades físicas, que antes eram restritas aos espaços dos clubes e estádios, alcançam também as moradias e a vida cotidiana das pessoas comuns, aquelas que não são atletas profissionais. A mídia vem auxiliar na propagação dessas novas ideias, fazendo com que ocorra uma expansão das academias de ginástica aliada à valorização da imagem corpórea. Promove também

a circulação de novos discursos que pretendem fabricar novos sujeitos, com temas relacionados a calorias adquiridas ou eliminadas, massa muscular definida, dietas alimentares, suplementos nutricionais, cuidados corporais etc.

O corpo deixa de ser censurado e flagelado, deixa de ser o lugar do pecado como foi no passado dominado pela moral religiosa, para hoje ganhar sua dignidade e importância. Mas, à medida que cresce a circulação dos discursos que valorizam o corpo, cresce também a circulação dos discursos que o exploram, transformando-o em mercadoria na indústria da beleza e bem-estar:

Assim, se o corpo é reconhecido como sujeito primordial, sensível e tão importante quanto em outros momentos fora a alma, justamente por ter ganho tal importância, ele também se tornou objeto de imensas curiosidades, de intensas explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais. Em suma, tudo se passa como se após séculos de culpabilizações, o corpo tivesse conquistado um lugar de destaque, tanto para ser finalmente valorizado como para ser mais amplamente explorado (SANT'ANNA, 2000, p. 245).

Temos, como resultado dessa exploração, um corpo plástico e inacabado, capturado para o interior de relações de poder que promovem um processo contínuo de modificações oferecidas pelas novas tecnologias e saberes sobre o corpo.

Na Figura 2, temos o modelo de corpo que é determinado pelo *blog*. Todas as mulheres, de corpos bastante parecidos, exibem a magreza e a definição dos músculos adquiridos pela mais nova atividade corporal, buscando propagar esse modelo por meio da imagem capturada pelas lentes da câmera. Observamos a circulação dos discursos estéticos e médicos, associados à propagação abundante de imagens corporais que promovem a normalização da sociedade com a constituição de novas subjetividades a serem adotadas. Fabricam-se novos sujeitos, de corpos dóceis e disciplinados que se autocontrolam, autovigiam e autogovernam pelo desejo da visibilidade e de fazer parte dessa nova comunidade narcisista e individualista. São práticas que nos revelam “uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito” (ORTEGA, 2003, p. 63).

FIGURA 2: Modelo de corpo perfeito.



FONTE: <http://gabrielpugliesi.com/velocity/>

Assim, o sujeito, objeto das relações de poder e de saber, constitui-se através de técnicas que individualizam e segregam, fazendo com que perceba aquele corpo que está fora do padrão estético como um corpo doente e inapto.

Como veremos a seguir, as relações de poder, amparadas por um determinado campo do saber, instituem técnicas padronizadoras a partir da circulação de discursos que tematizam a saúde relacionada a um padrão corporal.

A Figura 3, que é apresentada no *blog* sob o título “Falsa magra”, tem a exposição de mulheres de corpos magros, porém, diferentes do modelo de corpo proposto pelo *blog*.

FIGURA 3: Modelo de Mulher falsa magra.

FONTE: <http://gabrielaugliesi.com/falsa-magra/>

A blogueira traz uma nutricionista, com a finalidade de validar o seu discurso, para reafirmar que o corpo saudável e verdadeiramente magro é aquele enquadrado no padrão de beleza vigente, ou seja, corpos com musculatura definida que evidenciam baixo percentual de gordura corporal. Esses corpos exibidos na figura 3 são modelos a não serem seguidos, pois possuem celulites e flacidez (características abomináveis nesta sociedade corpórea). Dessa forma, é possível perceber que os discursos, investidos de poder-saber, buscam induzir comportamentos para que o corpo opere “como” o poder deseja. O resultado final desse processo não é o objetivo das relações de poder. Ao contrário, elas almejam a prisão do corpo num processo contínuo de consumo dos estilos de vida impostos pela mídia, com a prática de exercícios físicos, ingestão de alimentos “saudáveis”, uso de medicamentos, cirurgias plásticas etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos do *blog* que analisamos fazem crescer uma sociedade narcisista que se fundamenta a partir do culto ao próprio corpo. São discursos que

excluem e incluem, distinguem os indivíduos, separando-os uns dos outros, selecionam os que podem exibir o corpo e os que devem cobri-lo. O corpo passa a ocupar um lugar de recompensa e torna-se objeto de veneração.

Neste cenário, surgem os manuais para conquistar uma vida feliz, com receitas que conduzem vidas na atualidade e orientam comportamentos para alcançar um corpo saudável e belo. Dessa forma, grande parte das preocupações individuais passa a ser centralizada no corpo: quanto ele pesa, como ele se apresenta, o que ele veste, a idade que ele aparenta etc. Por trás disso, há uma indústria da beleza e do bem-estar, enriquecendo com essas preocupações cotidianas e promovendo novas técnicas para manter esse corpo submisso e consumista, preso na constante busca pelo corpo perfeito.

REFERÊNCIAS

BLOG GABRIELA PUGLIESI. Disponível em:

<<http://gabrielapugliesi.com/>> Acesso em: 28 de novembro de 2016.

FOUCAULT, Michel (1995). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249. 299p. ISBN 85-218-0158-0.

_____. (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 262p. ISBN 85-326-0508-7.

_____. (1971). *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 74p. ISBN 978-85-15-01359-3.

FERNANDES, Cleudemar Alves (2012). *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. 106p. ISBN 978-85-64586-31-4.

MACHADO, Roberto (2014). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017, p. 7-54. 431p. ISBN 978-85-7753-296-4.

ORTEGA, Francisco (2003). Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. *Cadernos saúde coletiva*. v.11, n. 1, p. 59-77. ISSN 1414-462x.

PERROT, Michelle (2003). Os silêncios da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. 1. Ed. São Paulo: UNESP, 2003, p. 13-27. 221p. ISBN 85-7139-458-x.

ROUANET, Sérgio Paulo (1971). *O Homem e o Discurso: A arqueologia de Michel Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 139p. ISBN 978-85-2820-146-8.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (2000). As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*. n. 14, p. 235-249. ISSN 1809-4449.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE PERSPECTIVE OF BLACK FEMINISM

Hilma Liana Soares Garcia da Silva¹⁶

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares¹⁷

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar a história das mulheres negras e sua luta para vencer o preconceito e os mais diversos tipos de violência praticados contra elas. Tal discussão se faz necessária, tendo em vista o preconceito e a violência simbólica sofrida historicamente por essas mulheres e que ainda se propaga nos dias atuais, nas mais diversas práticas sociais, sejam elas reais ou virtuais. Além disso, procura-se aqui apresentar considerações sobre o feminismo negro, o qual se originou a partir da necessidade de se criar um movimento voltado para a mulher negra, que sofre discriminação duplamente, por ser mulher e por ser negra. Nesse sentido, o estudo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica sobre a temática em questão e a análise de gêneros textuais, como anúncio publicitário e música. Para alicerçar este estudo e as análises, foram utilizados os pressupostos teóricos que abordam as ideias de Orlandi (2015), Del Priore (2008; 2013), Louro (1995), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Feminismo. Mulher negra.

ABSTRACT: This article aims to describe and analyze the history of black women and their struggle to overcome prejudice and the most diverse types of violence practiced against them. Such a discussion is necessary in view of the prejudice and symbolic violence historically suffered by these women and which still propagates in the present day, in the most diverse social practices, be they real or virtual. In addition, it seeks to present considerations on black feminism, which originated from the need to create a movement aimed at the black woman, who suffers double discrimination, because she is a woman and because she is black. In this sense, the study used as a methodology the bibliographical review on the subject in question and the analysis of textual genres, such as commercial and music. To support this study and analyzes We used the theoretical assumptions that approach the ideas of Orlandi (2015), Del Priore (2008; 2013), Louro (1995), among others.

KEYWORDS: Violence. Feminism. Black woman.

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ensino (POSENSINO), associação UERN, UFERSA e IFRN. Professora da Rede Estadual de Ensino. E-mail: hilmaliana@hotmail.com

¹⁷ Doutora e Mestre em Linguística pelo Programa de pós-graduação em Linguística – PROLING, João Pessoa/PB. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Central. Membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL/UERN. E-mail: luciahelenamct@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade patriarcal, na qual a mulher é vista como submissa ao homem e tem seus direitos negados e reprimidos, faz-se necessária uma luta constante e vigilante, principalmente contra atos de qualquer tipo de violência que causem danos, ridicularizem e humilhem a mulher.

No Brasil, a violência contra a mulher é alarmante, e o que é pior, junta-se ao racismo, fato que agrava veementemente o cerne dessa questão. Segundo Del Priore (2008), esse tratamento vil e desonroso se arrasta desde o Brasil Colonial, período em que as negras e mulatas sofriam todo tipo de violência, principalmente a sexual, pois, além de serem mulheres, tinham sua condição humana inferiorizada também pela cor e pela escravidão. Nesse cenário, eram vistas como prostitutas, presas fáceis e sem valor por uma sociedade preconceituosa e machista. Ainda de acordo com Del Priori (2013, p. 36),

temperadas por violência real ou simbólica, as relações eram vincadas por maus-tratos de todo tipo, como se veem nos processos de divórcios. Acrescente-se à rudeza atribuída aos homens o tradicional racismo, que campeou por toda a parte: estudos comprovam que os gestos mais diretos e a linguagem mais chula eram reservados a negras escravas e forras ou mulatas; às brancas se direcionavam galanteios e palavras amorosas.

As mulheres brancas, mesmo não alcançando o *status* de mulher da sociedade, não sofriam o preconceito vivido pela mulher negra, ou seja, não era somente pelo fato de ser mulher, mas também pela cor da pele. A violência contra o sexo feminino sempre existiu, mas, quando a cor é diferente, os atos violentos se acentuam mais ainda, herança de uma sociedade escravocrata.

Essa herança vergonhosa se propagou durante séculos e ainda se propaga, e o discurso que inferioriza a mulher negra ainda ecoa de forma ostensiva e degradante, no seio familiar, social e trabalhista. A herança escravista também se expandiu para os espaços de trabalho, nos quais a mulher negra sempre ocupava os setores menos qualificados, conforme ressalta Rago (2008, p. 582): “as mulheres negras, por sua vez, após a abolição dos escravos, continuariam trabalhando nos

setores mais desqualificados, recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento”.

Por isso, a necessidade de se criar um movimento voltado para a mulher negra, que sofre duplamente, já que o movimento feminista, antes da década de 1970, de um modo geral, não pontuava as questões voltadas para a raça e a cor.

O movimento feminista não acolhe as questões postas pelas mulheres negras, motivando-as para uma ação política organizativa específica em decorrência da insuficiência com que são tratadas as suas especificidades dentro do movimento feminista. As mulheres têm esta mesma postura com o movimento negro, posto que em um estão os desdobramentos de gênero e no outro não são enfatizadas as questões raciais (RAIMUNDO, GEHLEN e ALMEIDA, 2016, p. 4).

Diante disso, percebe-se que há uma grande diferença, na visão da sociedade, no que se refere ao tratamento dado à mulher branca e à negra. Embora sejam mulheres, as quais passam por discriminação pelo fato de serem mulheres, as negras sofrem mais pelo fato de serem do sexo feminino e por serem negras.

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a história das mulheres negras e sua luta para vencer o preconceito e os mais diversos tipos de violência praticados contra elas. Os estudos desta pesquisa tiveram como metodologia a análise de gêneros textuais como anúncio publicitário e música, seguindo o embasamento teórico de Orlandi (2015), Del Priore (2013), Louro (1995), entre outros.

2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO BRASIL

De acordo com o *Dossiê Violência contra as mulheres* (2013), meninas, jovens e mulheres, não apenas negras, sofrem os mais diversos tipos de violência: a que é cometida pelo parceiro, a violência sexual, o assédio, o tráfico e até a exploração. Essa violação aos direitos humanos, expressa através da violência, se entrelaça com as questões étnico-raciais e degrada a condição social da mulher negra.

O racismo é um fenômeno ideológico que se manifesta de distintas formas e que preconiza a hierarquização dos grupos, atribuindo a alguns deles valores e significados sociais negativos que servem de justificativa para seu tratamento desigual. Concretamente, nossas sociedades foram estruturadas a partir da definição de lugares sociais para mulheres e para a população negra que não passam pelos espaços de poder e cidadania plena (QUERINO, 2013, s/p).

Se, durante a década dos anos 1920, considerava-se que a mulher era oprimida apenas pelo gênero, hoje, essa ideia de opressão se ampliou. As violências ocorrem em vários aspectos: raça, gênero, classe social, além da naturalidade. Até o lugar de nascimento pesa na discriminação. Os espaços de poder e cidadania plena não são acessíveis para todas, mas apenas para uma parcela de mulheres que estão dentro dos padrões preconizados pela sociedade.

Por conta disso, surgiu um movimento que teria como objetivo ser a voz da mulher que sofre opressão. O feminismo se iniciou no final do século XIX e ganhou força na década de 1960. Esse movimento teve três grandes ondas. A primeira, intitulada de sufragista, buscava igualdade de direitos para a escolha dos cônjuges; direito aos bens materiais herdados e os direitos políticos; a segunda onda, mais marcada entre as décadas de 1960 a 1980, buscava a igualdade entre os sexos; a revisão das desigualdades políticas, sociais e culturais e a reflexão sobre as estruturas de poder na sociedade; a terceira onda, que se iniciou nos anos 1990 e perdura até hoje, busca manter os direitos conquistados pelas mulheres, o respeito às diferenças raciais, o fim da violência doméstica, a melhoria das leis trabalhistas e os direitos para a mulher do Oriente (MEDEIROS e BARACUHY, 2012).

Os estudos feministas têm levado essa discussão de gênero para além do sexo. A complexidade social aumenta ainda mais os debates em torno do tema, demonstrando as relações de poder existentes entre os membros da sociedade, sejam mulheres ou não. Segundo Louro (1997, p. 41),

homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas.

Dessa forma, homens e mulheres são conduzidos a assumirem posturas e atitudes que socialmente foram instituídas como um padrão para ambos, no qual se observa o estabelecimento de uma relação de poder implícita ou explícita e que está arraigada no seio social.

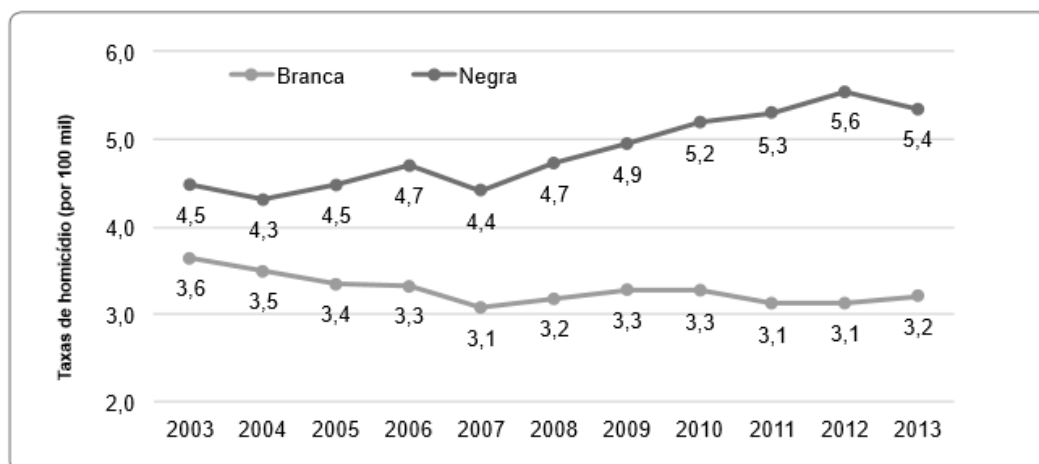
3 AS REIVINDICAÇÕES DO FEMINISMO NEGRO

Como os estudos feministas não se limitam mais apenas ao gênero, para contribuir com as discussões, o feminismo negro surgiu nos Estados Unidos e

inclui na organização das pautas feministas as reivindicações das mulheres negras levando em consideração as suas reais necessidades, já que elas sofrem uma tripla opressão. Além do machismo, enfrentam o preconceito de classe social e o racismo, que abala não só sua autoestima, mas impõe barreiras à sua presença em espaços de poder (ANUNCIADA, 2016, s/p)¹⁸.

De acordo com dados do *Mapa da Violência 2015 – Homicídio de mulheres no Brasil*, divulgado pela ONU Mulheres, a cor das vítimas é prioritária da violência homicida no país. Enquanto o homicídio de mulheres brancas vem caindo (de 2006 para 2013 houve uma queda de 2,1%), o de mulheres negras só aumenta (de 2006 para 2013 houve um aumento de 35% dos casos). A Figura 1 mostra a evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras.

Figura 1: Taxa de homicídio de mulheres brancas e negras



Fonte: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

¹⁸ Disponível em: <<http://bloqueirasfeministas.com/2016/03/uma-conversa-sobre-feminismo-negro/>>

Quando se fala em feminismo negro, fala-se na luta da mulher pela aceitação de sua raça e cor e, principalmente, na construção da sociedade. Durante séculos, a mulher negra foi marginalizada e não teve o devido reconhecimento, sendo vista como um subproduto de senhores de escravo e de uma sociedade que exigia uma aparência estereotipada, seguindo padrões eurocêntricos, para estar em seu meio.

A unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas (CARNEIRO, 2011, s/p)¹⁹.

Esses privilégios podem ser observados em vários âmbitos da sociedade. Na esfera do trabalho, por exemplo, as mulheres brancas possuem mais oportunidades de trabalho, tendo em vista as questões estéticas relacionadas à cor, tipo de cabelo, a supervalorização de acordo com um padrão estereotipado socialmente e reforçado pela mídia.

É importante ressaltar que o feminismo negro é um precursor do feminismo interseccional, surgido na década de 1980, o qual não vê a discriminação contra a mulher e contra a negra de forma isolada, mas ambos estão inter-relacionados e devem ser levados em consideração quando se trata de decisões jurídicas (ANUNCIADA, 2016, s/p).

Embora tenham surgido movimentos em defesa da mulher negra, ela ainda continua sendo vista como descartável, tendo destaque apenas em eventos festivos como representante de um modelo de mulher, mas, no dia a dia, não recebe o devido reconhecimento. E o que é pior, continua sofrendo preconceito e exclusão, fato que ainda permeia todos os aspectos sociais e que pode ser visto também nos meios de comunicação, a exemplo da *internet*, como será apresentado a seguir.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.1yRe4o4>>

4 ANÁLISE DOS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS QUE ENFATIZAM A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER NEGRA

A violência contra a mulher não se restringe apenas à violência física, ela pode se configurar das mais diversas formas. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (2016, s/p):

Violência contra a mulher - é qualquer conduta - ação ou omissão - de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

Em tempos de grande utilização das redes sociais, observa-se o uso indiscriminado de espaços públicos virtuais para se propagar imagens e textos que refletem o preconceito e a violência moral e psicológica contra as mulheres, das quais a mulher negra não é uma exceção. O *corpus* aqui analisado é entendido como um retrato da violência psicológica contra a mulher negra difundida numa sociedade globalizada e tecnológica que transmite sua ideologia e suas formas de pensamento. Ainda de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2016, s/p),²⁰ a violência psicológica é entendida como

[...] qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Tal violência, muitas vezes, passa despercebida e é difundida indiscriminadamente de forma lúdica e humorística em larga escala pelas redes sociais. E o mais agravante é que esse tipo de atitude não é reconhecido pelas

²⁰ Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>

peçoas como uma violação dos direitos da mulher, não é reconhecido como um ato de violência que precisa ser cerceado.

Na Figura 2, temos uma imagem do Concurso de Talentos "Mulheres que Brilham"²¹ que foi veiculado no Programa Raul Gil, no SBT e patrocinado pela Bombril. Na imagem, a mulher é, de forma tácita, comparada a uma marca de esponja de aço que serve para limpar panelas de alumínio. Percebe-se que, na composição da imagem, os contornos humanos enfocam uma mulher negra, embora a figura não mostre a cor. Contudo, a referência da figura torna-se perceptível pelo formato do cabelo e pelos traços característicos de uma pessoa afro-descendente. Escondido por trás da frase de efeito "Mulheres que brilham" revela-se o racismo atrelado às características da mulher negra, em especial, aos cabelos que sempre foram ridicularizados e comparados a uma esponja de aço. Inclusive, a logomarca do produto "Bombril" está exposta justamente na parte dos cabelos da figura, remetendo-se ao discurso cristalizado de que o cabelo afro é comparado a uma esponja de aço, o popular dito "cabelo de Bombril".

FIGURA 2: Concurso de Talentos "Mulheres que Brilham", da Bombril.



FONTE: <https://goo.gl/CJ7P67>

²¹ Várias pessoas reclamaram nas redes sociais e criaram uma petição online para tirar essa campanha do ar. Ver <https://goo.gl/fj6VRE>

Outrossim, ainda remete à mulher negra ao ambiente doméstico, aos afazeres da cozinha, lugar que sempre foi direcionado a ela, herança de uma sociedade machista e escravocrata que oprime e marginaliza a mulher negra, dimensionando-a aos trabalhos menos privilegiados, uma violência simbólica que revela resquícios de uma relação de poder hierárquico de supremacia de uma raça sobre a outra.

É perceptível que esse discurso discriminatório não acabou, ainda permeia o cotidiano das mulheres negras que, por terem seus cabelos crespos, são motivos de exclusão e expostas a todo tipo de discurso pejorativo, um fato preconceituoso que repercute socialmente há muitos anos e que ainda ganha força por sua repetição também nos ambientes virtuais.

No gênero exposto na Figura 3, um fragmento de uma canção intitulada “Minha nega na janela”, um grande sucesso na década de 1950, do compositor Germano Mathias, considerado um representante do samba paulistano.

FIGURA 3 – Trecho de música sobre a mulher negra

11. Minha Nega Na Janela -
Germano Mathias

*"Minha nega na janela/ Diz que
está tirando linha / Êta nega tu é
feia / Que parece macaquinha /
Olhei pra ela e disse / Vai já pra
cozinha / Dei um murro nela / E
joguei ela dentro da pia / quem foi
que disse que essa nega não
cobia?"*

FONTE: site Catraca Livre (<https://goo.gl/i77Zwr>).

O trecho traz uma exposição de ideias que remetem à violência psicológica, física e moral contra a mulher negra. O discurso apresentado na música compara a mulher negra a um animal, fato esse que revela os efeitos de sentido de uma memória discursiva, a qual resgata um preconceito grotesco que associa os traços de pessoas negras aos de um macaco. Como se não bastasse, a canção ridiculariza a aparência da mulher, caracterizando-a como feia, subjugando-a à

dominação masculina ao ordenar que ela vá para a cozinha e, ainda, esboçando atos de violência física, como forma de imposição da vontade do homem para que ela assuma as atividades domésticas. O gênero em análise, mais uma vez, reafirma o preconceito e a violência contra a mulher associada ao racismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta pela igualdade de gêneros é uma luta vigilante e persistente que não pode ser silenciada. A luta pelo combate à violência contra a mulher, seja ela negra, parda ou branca, tem que ser constante e efetiva, pois o que se percebe é que, apesar do histórico de conquistas, de organização de movimentos feministas em busca de igualdade de direitos políticos, econômicos e sociais para as mulheres, as desigualdades ainda existem.

E o que é pior: a violência contra as mulheres ainda persiste em suas mais diversas formas, moral, patrimonial, sexual, física e psicológica. Nesse cenário, estatisticamente, as mulheres negras são vítimas em maior escala. Dessa forma, são agredidas pelo fato de serem mulheres e também pelo fato de serem negras.

Os discursos preconceituosos, arcaicos e machistas ainda se propagam e se reproduzem, em pleno século XXI. A violência se alastra e se difunde, não só na forma de agressão física, mas também através de atitudes, palavras e ofensas que são expressas nas redes sociais, em forma de gêneros textuais, disfarçados de discursos jocosos, lúdicos, interativos e que também estão nas práticas sociais, circulando entre as pessoas nos espaços físicos e virtuais.

O feminismo negro traz uma nova visão sobre o real papel da mulher, a qual continua sofrendo a mesma discriminação de séculos atrás e busca combater essas ações violentas, racistas e preconceituosas que se propagam nos espaços virtuais e físicos.

REFERÊNCIAS

ANUNCIADA, Patrícia. *Uma conversa sobre feminismo negro*. Blogueiras Feministas. Disponível em: <<https://goo.gl/D5C9mY>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Disponível em: <<https://goo.gl/wC8gnN>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

CATRACA LIVRE. *12 músicas que reproduzem machismo e violência contra a mulher*. Disponível em: <<https://goo.gl/i77Zwr>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Formas de violência*. Disponível em: <<https://goo.gl/ObSk00>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FACEBOOK. Disponível em: <<https://goo.gl/8jgYWu>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

GOOGLE. Disponível em: <<https://goo.gl/Mmx3xc>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

LOURO, Guacira L. A emergência do gênero. In.: LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1997. p. 14-36. ISBN 85.326.1862-6.

MEDEIROS, Lúcia Helena e BARACUHY, Regina. As mulheres entre o poder e a resistência: discurso, história e acontecimento. *Revista da ANPOLL/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*. V.1, N. 32, 2012. P.107-122. Disponível em: <https://goo.gl/ejT4H7>.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas – SP: Pontes, 2005. 98 p. ISBN 978-85-7113-131-6.

QUERINO, Ana Carolina. Violência e racismo. Disponível em: <<https://goo.gl/YdJWXe>>. Acesso em: 30 de nov. de 2016.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAIMUNDO, Valdenice José; GEHLEN, Vitória; ALMEIDA, Daniely. *Mulher negra: inserção nos movimentos sociais, feminista e negro*. Disponível em: <<https://goo.gl/RGvUn9>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In: MARCONDES, Mariana Mazzini; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina, VALVERDE, Danielle (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no*

Brasil. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/cteuHQ>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/azUzUr>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

OS CABELOS FEMININOS E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE PROPAGANDAS DA *LOLA COSMETICS*

THE WOMEN'S HAIR AND THE SUBJECT CONSTITUTION: A DISCURSIVE ANALYSIS OF *LOLA COSMETICS*' ADVERTISEMENTS

Polianny Ágne de Freitas Negócio²²
Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares²³

RESUMO: O presente trabalho está inserido no campo da Análise do Discurso (AD) de tradição francesa e retrata a história dos cabelos das mulheres, demonstrando como estes atuam na constituição do sujeito feminino e como são representados atualmente na mídia. O *corpus* se constitui por 3 propagandas da *Lola Cosmetics*, chamadas de *lolabooks*, as quais abordam a diversidade da mulher moderna, que não se restringe a um só padrão de beleza. Para fundamentar a análise discursiva, foram utilizadas as concepções de Foucault (1995; 1996), Gregolin (1995), Fernandes (2007), Carvalho (2008) e Tavares (2012; 2015), que trazem as teorias da AD para investigar o corpo e o discurso; Perrot (2016), Sant'anna (2005; 2014; 2016), Raminelle (2015) e Morris (2005) para abordar a história das mulheres, da beleza e do corpo; e Silverstone (2005), retratando as questões midiáticas. Assim, pretende-se fazer um resgate da construção da beleza da mulher no Brasil, enfatizando os discursos sobre os cabelos, e descrever como se dá o processo de constituição do sujeito feminino na mídia, especificamente nas propagandas da *Lola Cosmetics*. Durante a análise, serão interpretados os mecanismos de memória, no processo de libertação dos estereótipos, bem como o exercício de poder da mídia na disciplinarização dos corpos das mulheres. Estudar essas transformações na mídia nos permite resgatar a história das mulheres e nos possibilita refletir sobre a influência dos cabelos na constituição do sujeito, auxiliando também na compreensão dos discursos da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso midiático. Mulher. Cabelos.

ABSTRACT: The present work is inserted in the field of French Discourse Analysis (DA) and portrays the women's hair history, demonstrating how they act in the female subject constitution and how they are currently represented in the media. The *corpus* is consisted by 3 *Lola Cosmetics*' advertisement, called *lolabooks*, that approach the modern woman diversity, which is not restricted to a single beauty pattern. To support the discursive analysis were used the conceptions of Foucault (1996;1996), Gregolin (1995), Fernandes (2007), Carvalho (2008) and Tavares (2012;2015), that bring the DA theories to investigate the body and the discourse; Perrot (2016), Sant'anna (2005; 2014; 2016), Raminelle (2015) and Morris (2005) to address the history of women, beauty and the body and Silverstone (2005),

²² Graduada em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Grupo de Estudos do Discurso da UERN – GEDUERN. E-mail: pollyfrn@gmail.com

²³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Vice-líder do Grupo de Estudos do Discurso da UERN – GEDUERN. E-mail: luciahmct@gmail.com.

portraying media issues. Thus, it is intended to make a rescue of the construction of women's beauty in Brazil, emphasizing the speeches about hair, and to describe how is the constitution of the female subject process in the media, specifically in the *Lola Cosmetics'* advertisements. During the analysis, the memory's mechanisms will be interpreted in the liberation of stereotypes process, as well as in the exercise of media power in the disciplining of women's bodies. Studying these transformations in the media discursivization allows us to rescue the women's history and allows us to reflect on the influence of the hair in the subject constitution, also helping in the understanding of contemporaneity discourse.

KEYWORDS: Media discourse; Women; Hair.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres viveram em torno de padrões preestabelecidos pela sociedade, os quais sempre ditaram como elas deveriam se comportar, se vestir e até mesmo como arrumar os cabelos para se adequarem ao ambiente privado e/ou público. Nesse sentido, observamos que as propagandas de cosméticos foram, e ainda são, importantes veiculadoras desses estereótipos que padronizam os corpos. Este trabalho surge, então, da curiosidade de entender e fazer um resgate histórico sobre como os padrões de beleza, com foco nos cabelos femininos, se (des)construíram com o passar do tempo e com a mídia moderna. Assim, questionamos: “De que forma a mídia cria estereótipos para os corpos das mulheres?”, “Como se dá a disciplinarização dos cabelos femininos?”, “Como se constitui o sujeito feminino, na mídia, por meio das propagandas da *Lola Cosmetics?*”.

Para tentar responder a esses questionamentos analisaremos os dados, buscando, interpretar as relações de poder que se apresentam nas propagandas da *Lola Cosmetics* e ainda descrever a constituição do sujeito feminino pela mídia. Para isto, primeiramente, foi criado um arquivo contendo diversas propagandas da *Lola Cosmetics*, que foram coletadas por meio das mídias sociais, como *facebook* e *instagram*, bem como em catálogos dessa marca de cosméticos. Considerando que este trabalho é apenas um recorte de uma monografia de graduação, desse arquivo, foram selecionadas, para análise, apenas 3 propagandas (os *lolabooks*), tendo em vista que cada uma delas aborda um tipo diferente de beleza feminina.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO E AS RELAÇÕES DE PODER

Antes de começarmos a desenvolver os objetivos desta pesquisa, é importante entender do que se trata a Análise do Discurso de tradição francesa e quais categorias serão abordadas aqui. O campo de estudo da Análise do Discurso está em constante formação, mas pode ser definido como o campo da linguística que se preocupa em analisar as construções ideológicas e os sentidos presentes nos discursos.

Devemos considerar que o discurso se materializa nos vários textos. Nesse sentido, segundo Gregolin (1995, p. 17) “entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu”.

Quando os diferentes discursos se cruzam com as *formações ideológicas*, constitui uma *formação discursiva* e toda formação discursiva se constitui por diversos discursos, a isto chamamos *interdiscurso*. Sobre isso, Cleudemar Fernandes (2007, p. 51) diz que “trata-se de uma *interdiscursividade* caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais”.

Ao analisar os discursos, precisamos verificar também os conceitos que envolvem sujeito e poder. Foucault nos diz que há dois significados para a palavra *sujeito*: “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235). O autor traz, em sua obra, as três principais classificações do sujeito: do saber, do poder e da ética. Em todas as circunstâncias, as relações de poder exigem consentimento, portanto, só é possível exercer o poder sobre “sujeitos livres” enquanto “livres”:

entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas (FOUCAULT, 1995, p. 244).

É interessante pensar que nem sempre a servidão ao poder é voluntária. Muitas vezes o sujeito se sente pressionado, coagido e provocado a se submeter ao poder exercido. Foucault (1995 p. 244-245) ressalta que “mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’ - de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta”.

Por último, não existe sociedade sem relação de poder, pois a análise, a elaboração e a retomada dessas relações, segundo Foucault (1995, p.246), “é uma tarefa política incessante” e junto às relações de poder, vão estar presentes também as manifestações de resistência. E essa resistência pode ser observada nas propagandas analisadas aqui neste trabalho.

3 HISTÓRIA DAS MULHERES E DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE OS CABELOS

Em determinadas e culturas, desde o nascimento, as mulheres foram menos privilegiadas que os homens, já que era mais interessante para o pai produzir um herdeiro, o que se devia ao fato de ser atribuído mais valor ao sexo masculino que ao feminino. Após o casamento, as mulheres agora esposas, mães e donas de casa, viviam suas vidas em torno de seus maridos, de sua família, sempre submissas. Não tinham a liberdade de se expressar, não podiam ser chamativas ou fugirem do padrão que lhes era imposto, deveriam se contentar com o seu papel doméstico e sua função social, sentindo-se felizes apenas com isso.

Com os movimentos de emancipação feminina em alta, ocorreram transformações no modo de pensar e de agir. Na mídia, as mulheres foram abordadas sob diferentes formas e identidades. As rupturas também se deram por meio do corpo, inclusive dos cabelos, já que estes exercem um poder significativo na construção da identidade feminina. A fêmea humana tem um crescimento excessivo dos cabelos que, de diferentes formas, surgem como um atrativo visual e é alvo de bastante atenção. Sobre isso, Morris (2005, p. 19) diz:

os cabelos foram exibidos, escondidos, penteados, cortados, alisados, ondulados, presos, soltos, coloridos e enfeitados de milhares maneiras diferentes. Representaram um pouco de tudo: de glória da feminilidade a motivos de tabus religiosos. Nenhuma outra parte do corpo passou por tantas e incríveis mudanças culturais.

Hoje, no século XXI, as mudanças e influências são tantas que é muito difícil estabelecer um único modelo dominante. No entanto, podemos fazer um resgate histórico dos padrões que outrora foram estabelecidos, pois, durante bastante tempo, buscou-se usar o poder disciplinar para controlar esse instrumento de sedução.

Os cabelos fazem parte do ser humano e, na mulher, é um elemento identitário, um símbolo visível de sua feminilidade e também um instrumento de poder. Para uma mulher, perder seus cabelos é também perder a sua identidade. Perrot (2016, p. 52) diz que “raspar os cabelos de alguém, homem ou mulher, é tomar posse dele ou dela: é torná-lo anônimo” e esse ato de dominação é utilizado para disciplinar e ordenar; a disciplina carcerária, inclusive, se utiliza desse ato para disciplinar. Tavares (2015, p. 7) ressalta que:

em alguns países Orientais, ao ficarem viúvas e sem uma família para ampará-la, as mulheres seguem para abrigos junto aos seus filhos menores e têm a cabeça raspada. A “tosquia” também reflete um ato de purificação dos pecados, da dessexualização. Como se dessa forma a mulher se tornasse assexuada, não pudesse mais conduzir seus desejos e estivesse inapta às seduções.

Nesses casos, a “tosquia” é utilizada como um sinal de ignomínia, que é a desonra, a degradação social e a humilhação, o que evidencia, portanto, a importância simbólica dos cabelos e da falta destes.

Nesse contexto, o véu já era um acessório utilizado, mas surgiu como uma obrigação religiosa quando, de acordo com Perrot (2016), o apóstolo Paulo declarou que as mulheres deveriam se cobrir nas assembleias, como um sinal de respeito e submissão, porém, os homens deveriam se descobrir. Ao usar o véu, era como se a mulher estivesse com a cabeça raspada e, como foi discutido anteriormente, este era um sinal de dominação. Nos dias de hoje, ainda há culturas que adotam o uso do véu, porém, os debates sobre a obrigatoriedade ou sobre a escolha de usá-lo, geram muitas controvérsias nos países mediterrâneos e dividem opiniões.

Outros símbolos de disciplina também surgiram. De acordo com Perrot (2016, p. 58), “no século XIX, uma mulher ‘de respeito’ traz a cabeça coberta, uma mulher de cabelos soltos é uma figura do povo, vulgar; nas feiras, distinguem-se as burguesas que usam chapéu, que saem às compras, das feirantes que nada usam

para cobrir os cabelos”.

Nesse caso, como forma de pudor, em vez do véu, é utilizado o chapéu, que aparecia de todas as cores, formas e tamanhos. Posteriormente, aliado ao uso do chapéu, a exibição dos cabelos entra em cena por meio dos penteados, tornando-os objeto de arte e moda. Disciplinar os cabelos ainda era um conceito muito forte, portanto, a mulher jamais deveria exibi-los soltos na rua.

Em contrapartida aos cabelos compridos e penteados, a moda dos cabelos curtos entra em alta e é acelerada pela Segunda Guerra Mundial, pois as mulheres que trabalhavam buscavam mais conforto e praticidade em suas atividades. Após esse período, além dos novos cortes, surgem também as variantes de alisar, encaracolar e, principalmente, se libertar das modas antigas. Conforme descreve Perrot (2016, p. 60), “ora são cabelos frisados em ‘permanentes’ produzidos por *bigoudis* elétricos: as mulheres ficam com a aparência de carneiros. Ora são cortes retos que dão às mulheres a aparência de rapazes, principalmente quando elas usam *tailleur*, gravata e piteira”. Os novos cabelos são aliados a novas atitudes, como fumar, dirigir, ler jornal em público, estudar e exercer outras profissões, que até então eram permitidas somente aos homens.

Em meio a essas mudanças, o conceito de que havia um jeito ideal para ser mulher foi se transformando. A ideia de aceitação da própria beleza passa, assim, a se propagar e, nessa nova fase, o discurso midiático se adequa, não mais estabelecendo padrões e estereótipos, mas valorizando os diferentes tipos de beleza e os diferentes tipos de mulher.

4 AS MULHERES LOLA: UMA ANÁLISE DOS LOLABOOKS

Ao analisar o discurso, “suporte abstrato que sustenta vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17), faremos uma análise para verificar o que se diz nas propagandas selecionadas e como é dito, para entender os motivos que levam a esses dizeres.

É relevante para a análise que se compreenda a relação que se estabelece entre o discurso e a ideologia, visto que a análise irá englobar o campo linguístico e o campo social. A ideologia é, portanto, a visão de mundo dominante em uma determinada classe e em última instância pode determinar a linguagem. Quando

isso acontece, reconhece-se a *formação ideológica* e as *condições de produção do discurso*. Em uma mesma sociedade pode haver várias formações ideológicas, que correspondem a uma *formação discursiva*, constituída pelos dizeres e pensamentos permitidos naquele espaço. Uma formação discursiva engloba diversos discursos e quando há o entrelaçamento entre estes, denominamos *interdiscurso*.

Pêcheux (apud GREGOLIN, 1995, p.18) diz que:

o discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente.

Dessa forma, o discurso só produzirá sentido para o sujeito se estiver aliado ao tempo e ao momento social e histórico em que foi produzido, logo, o sujeito discursivo traz em si formações discursivas que se relacionam com uma *memória discursiva*. De acordo com Gregolin (2005, p. 6):

para Courtine, essa noção está subjacente às análises realizadas por Foucault em *A Arqueologia do Saber* (1969), isto é, a ideia de que toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais produzem-se certos efeitos de memória específicos.

Brandão (apud TAVARES, 2012, p.39) considera que “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formações anteriores, já circuladas”. Para entender as referências e os sentidos que compõem um enunciado é necessário que haja conhecimento sobre o que se fala, pois somente assim será ativada a memória discursiva. Partindo dessas considerações, iniciaremos a análise do primeiro *lolabook*²⁴ selecionado. Observe:

²⁴ O *lolabook* é um caderno adquirido como brinde na compra de produtos da *Lola Cosmetics*.

IMAGEM 1: Fotografia de um dos *lolabooks*.

FONTE: Acervo pessoal.

Todos os *lolabooks* seguem o padrão de conter um enunciado motivacional e uma *pin-up* moderna, representando uma mulher real. A frase apresentada nesse objeto é um discurso direto da personagem que diz “Ok, nessa vida nada é perfeito. Ops, mentira, o meu cabelo é!”. Logo em uma primeira leitura, é ativada a *memória discursiva* do leitor, que lembra do dizer popular de que na vida nada é perfeito, portanto, devemos nos conformar com as falhas. A personagem, no entanto, contradiz esse discurso, afirmando que o seu cabelo é perfeito e sem falhas.

É interessante analisarmos a personagem como um sujeito discursivo para entendermos os motivos que garantem tal segurança, visto que seu cabelo é “normal”, não há nada de “extraordinário”. Se pensarmos em um “cabelo perfeito”, imediatamente a nossa memória discursiva é ativada para os comerciais de *shampoo* e produtos capilares que trazem cabelos longos, em sua maioria lisos, sedosos e soltos. Essa mulher não possui essas características, então, o que a faz considerar seu cabelo perfeito? Quais sentidos emanam dessa *pin-up* moderna, por meio da mídia?

Antes de adentrar nessas questões, vamos atentar também para a *interdiscursividade* entre a propaganda da Lola e o clássico cartaz *we can do it*, produzido durante a Segunda Guerra Mundial, para convocar as mulheres para o trabalho industrial:

IMAGEM 2: Cartaz de propaganda *we can do it*.



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/dYm5c2>>. Acesso em 21/04/2017.

As duas mulheres, ao mesmo tempo que se assemelham, por meio do lenço vermelho, olhar determinado e da pose clássica de luta, se diferenciam pelas roupas e tatuagens. A primeira mulher, moderna, não está vestida como operária e sim de forma casual; suas tatuagens ilustram seu corpo e complementam sua personalidade de ser livre e exercer o poder sobre o seu próprio corpo.

A segunda mulher, inspirada em Naomi Parker²⁵, ficou conhecida como *Rosie the Riveter*, em português, *A Rebitadeira*, e se tornou um ícone não só americano, mas mundial, já que representou todas as mulheres que trabalharam em estaleiros e fábricas, produzindo armas, munições e suprimentos, substituindo os homens que haviam ido à guerra. Na época de sua criação, o cartaz não tinha a intenção de representar o empoderamento feminino, o objetivo era motivar as mulheres a trabalharem de forma mais intensa durante aquele período de guerra, visto que, até então, o incentivo era para que estas trabalhassem apenas em casa, dedicando-se ao lar, aos filhos e ao marido. Porém, o gesto expresso no cartaz se tornou um símbolo de luta e resistência, sendo utilizado bastante pelo movimento feminista até hoje. História e memória estão entrelaçadas. Silverstone (2005, p. 81) diz que “encontramos nossas identidades nas relações sociais que nos são impostas e nas

²⁵ Informação disponível na página <http://www.naomiparkerfraley.com/>

que procuramos. Nós as vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos reestabelecer a certeza de que realmente pertencemos”.

Se na época da Segunda Guerra Mundial as mulheres lutavam para manter a integridade do seu país enquanto os homens estavam fora, quais os motivos que levam a mulher moderna a também aderir ao símbolo de luta?

Desde os tempos mais remotos até hoje, o corpo da mulher foi regulamentado e a mídia sempre teve uma contribuição forte na divulgação dos padrões de beleza estabelecidos, que ditam uma ordem a ser seguida. A mulher que não pertence a essa ordem é julgada e mal vista pela sociedade.

A nova mulher, para a *Lola Cosmetics*, não é padronizada, não obedece a um único modelo ideal de beleza. Ela usa seus cabelos como quer e enfeita seu corpo como uma forma de mostrar essa liberdade. Na *pin-up* Lola observamos que há tatuagens, por exemplo, ilustrando essa liberdade. Esse sujeito discursivo tem voz e considera seus cabelos perfeitos - mesmo que não sigam um modelo especificadamente estereotipado -, simbolizando então a luta da mulher moderna por uma representação que englobe a diversidade e a naturalidade de ser mulher.

Considerando o que foi abordado, prosseguiremos com a análise dos *lolabooks* a seguir:

IMAGEM 3: Fotografia de dois *mini lolabooks*.



FONTE: Acervo pessoal.

No primeiro caderno, temos a frase “se te perguntarem o que você faz, responda: sucesso!” dita por uma personagem negra, com cabelo crespo e *blackpower*. Seu corpo é voluptuoso, apresenta um quadril largo, seios fartos e foge do padrão de “magreza”. Podemos ver também duas tatuagens em seu peito e a estampa de onça em sua blusa, que ressaltam sua modernidade.

No segundo caderno, há uma mulher (não tão jovem) com cabelos loiros platinados, batom preto, tatuagens no braço e “tirando uma *selfie*” (forma atual de fotografia) no espelho. Seu corpo se difere da primeira no sentido de ser menos voluptuoso, mas também não exhibe o padrão de magreza nem de musculatura exibido como modelo pela mídia. A frase que corresponde ao que ela diz é “Acordei e me senti incrível. Me olhei no espelho e confirmei”.

Temos a representação de duas belezas distintas, que não atendem a padrões específicos, e, ao mesmo tempo, temos duas mulheres confiantes e com autonomia para auto afirmar suas qualidades e atributos. Mas, por muito tempo não foi assim.

A mulher negra, principalmente, sofreu com a exigência da brancura da pele e a lisura dos cabelos. Nos anos de 1920 e 1930, estava na moda o bronzamento à beira-mar, porém, nas propagandas de diversos produtos de beleza o que se destacava era a pele branca. Nos comerciais, era propagado que havia uma proximidade entre a pele negra e a sujeira, tratando-a muitas vezes como “encardida”, e relacionava também com o “atraso cultural”, reforçando o preconceito e impulsionando a venda de maquiagens para clarear a pele.

Sant’Anna (2014, p. 77) comenta que:

durante muito tempo, o brutal preconceito existente no Brasil diante da pele negra e do cabelo “carapinha” foi exposto sem grandes pudores em jornais e revistas. Às vezes, atribuía-se maior preconceito ao passado, como se dessa maneira fosse possível amenizar as desigualdades sociais do presente.

Nesse período, o cabelo das mulheres negras era alvo desse preconceito e, já que apresentavam muito volume, passou a ser propagada a necessidade de “domá-los”. Surgiram, então, métodos de alisamento, como o “cabelisador”, que veio para substituir o ato de passar ferro quente para “engomar” as madeixas e o “Hennê”, produto alisante que prometia conservar os cabelos lisos e negros.

Em um contexto de transformações, os cachos entraram e saíram de moda várias vezes. Nos anos 1980 e meados de 1990, por exemplo, os cachos ficaram em alta, levando as mulheres de cabelos lisos a fazerem “permanentes”, e assim, se enquadrarem no estereótipo exigido. Porém, a cultura de alisar os cabelos voltou com a chegada do século XXI e só vem sendo desconstruída recentemente. Veja, por exemplo, uma propaganda da campanha da linha “SEDA Anti-Sponge”, lançada em 2006. No anúncio, há dois leões para simbolizar a figura e os cabelos femininos. Na selva, o leão é considerado o “rei”, gerando assim uma implícita comparação com a mulher, equiparando-a a uma “rainha”. A chamada do anúncio traz o seguinte dizer “cabelo armado e com frizz?”, seguido do leão com a juba volumosa. Logo após, temos a ilustração da linha de produtos e um leão com a juba lisa e sem volume, ou, como a própria marca diz, com “volume controlado”.

IMAGEM 4: Anúncio publicitário da marca SEDA.



FONTE: Disponível em: <https://goo.gl/NivjsW>. Acesso em 22/04/2017).

Podemos inferir que a juba do primeiro leão é considerada feia e fora dos padrões, portanto, deve ser mudada, e se o leão simboliza a mulher, podemos atribuir a “juba” aos cabelos crespos, acentuando o preconceito em relação a esse tipo de cabelo. Se a mulher tem os cabelos crespos, nesse caso, é induzida a alisá-los para ficar como o segundo leão, que representa a mulher com o padrão ideal a ser seguido, caso contrário, ela será oprimida pelo meio em que está inserida, pois o poder midiático se torna mais forte que o poder exercido por ela mesma sobre o seu próprio corpo.

Com as transformações ocorridas em relação à história das mulheres e seus cabelos, a mídia passou a se adequar e a produzir campanhas diferentes. Se até pouco tempo as propagandas visavam incentivar as mulheres a domesticarem seus cachos, agora temos uma mídia que novamente as incentiva a abraçá-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos analisados, neste trabalho, nos trazem uma nova representação da mulher na mídia. Esses discursos, que foram se transformando ao longo do tempo, atuam na constituição e na transformação do sujeito feminino.

Verificamos que, no *corpus* analisado, não há tentativas de disciplinar os cabelos, mas há uma disciplinarização do sujeito para que se possa entender e aderir aos ideais libertários propostos pela marca e pelos produtos, levando a mulher a assumir os cabelos em seu formato natural, sejam lisos ou não. O volume, os cachos e o crespo são bem aceitos e os produtos cosméticos destinados a esses tipos de fios não tentam alisá-los ou controlá-los e sim revigorá-los reforçando a beleza natural que possuem. O cabelo ainda é visto como um instrumento de poder e a mulher é o sujeito que o exerce, não mais sendo controlada e se permitindo conquistar autonomia e liberdade, independente de um discurso que diga o contrário.

Esta pesquisa contribui para os estudos da Análise do Discurso, mostrando como o discurso midiático é caracterizado, de acordo com o momento histórico e social em que se insere, e como exerce o poder de influenciar o público alvo, neste caso, as mulheres. Vimos que, no decorrer dos anos, os enunciados e os sentidos se transformam, assim como os sujeitos, que passam a se constituir em suas novas identidades.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos, Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da

hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. (Educação a Distância, 5).

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A Análise do Discurso: conceitos e aplicações**. **Revista Alfa**, São Paulo, vol. 39: p. 13-21, 1995.

MORRIS, Desmond. **A mulher nua: um estudo do corpo feminino**; tradução Eliana Rocha. São Paulo: Globo, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **A história da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVERSTONNE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TAVARES, Lucia Helena Medeiros da Cunha. **Mulher, trabalho e família: jogos discursivos e redes de memória na mídia**. Tese de Doutorado, UFPB - João Pessoa, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/4afs9x>>.

TAVARES, Lucia Helena Medeiros da Cunha; CARVALHO, Ana Maria de. “Jogue as tranças, Rapunzel!” A sociedade de controle e os discursos sobre os cabelos femininos. In: CARVALHO, Ana Maria de; TAVARES, Lucia Helena Medeiros da Cunha e SILVA, Moisés Batista da (Orgs.). **De linguagem e de sentidos**. Mossoró: Edições UERN, 2015, p.174-190.

O HOMEM DO SÉCULO XXI INSCRITO NOS DESENHOS ANIMADOS DA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE DA SÉRIE *DRA. BRINQUEDOS*

THE MAN OF THE XXI CENTURY ENTERED IN THE ANIMATED CURRENTLY CARTOON: AN ANALYSIS OF THE DOCTOR TOYS SERIES

Camila Praxedes de Brito²⁶

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares²⁷

RESUMO: O presente artigo vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN) e é resultado de uma pesquisa acerca de discussões de gênero na sociedade contemporânea, realizada na disciplina Linguagens e Questões de Gênero. Nas discussões, percebemos que toda a nossa sociedade é constituída por grupos e que eles possuem suas normas e conceitos pré-estabelecidos. Dessa forma, todo sujeito introduzido em um meio específico sofre o processo de “normalização”, um sistema de fabricação do outro, seguindo os mesmos modelos. Pensando nessas identidades fabricadas, resolvemos analisar a construção desse novo modelo de homem dentro da série infantil *Dra. Brinquedos*, da Disney. Esta série, mais direcionada às crianças, será analisada aqui no sentido de interpretar como as vontades de verdade e as relações de gênero masculino/feminino estão sendo colocadas a esse público infantil. A pesquisa insere-se na Análise do discurso de tradição francesa, fiando-se nos conceitos de sujeito, formação discursiva, relações de poder de Foucault (2008), e na constituição do novo homem na sociedade moderna com Eccel e Alcadipani (2012) e Navarro (2008), dentre outros autores. Na série analisada, percebe-se a repetição de discursos da ideologia de igualdade entre os gêneros e nota-se que as “posições sujeito”, ocupadas pelas personagens, não estão relacionadas ao fato de serem homens ou mulheres, mas de serem sujeitos em igualdade na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Memória. Gênero.

ABSTRACT: This article is linked to the Postgraduate Program in Language Sciences (PPCL / UERN), and was the result of a research about gender discussions in contemporary society, held in the discipline Gender Languages and Issues. In discussions, we realize that our whole society is made up of groups and that they have their pre-established norms and concepts. In this way, every subject introduced in a specific environment undergoes the process of "normalization", a system of manufacturing the other, following the same models. Thinking about these manufactured identities, we decided to analyze the construction of this new model of man within the children's series Disney Toys. This series, more directed to

²⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Central e integrante do Grupo de Estudos do Discurso da UERN - GEDUERN. E-mail: milahpraxedes@hotmail.com

²⁷ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Vice-líder do Grupo de Estudos do Discurso da UERN – GEDUERN. E-mail: luciahmct@gmail.com.

children, will be analyzed here in order to interpret how the real wills and the male / female gender relations are being put to this infantile audience. The research is inserted in the analysis of the discourse of French tradition, relying on the concepts of subject, discursive formation, power relations of Foucault (2008), the constitution of the new man in modern society with Eccel and Alcadipani (2012) and Navarro (2008), among other authors. In the analyzed series, we can see the repetition of the discourse of the ideology of gender equality, and we note that the "subject positions" occupied by the characters are not related to being men or women, but of being equal subjects in society.

KEYWORDS: Subject. Memory. Modern man.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o que ocorre na sociedade moderna é a criação maquinária dos sujeitos sociais. Os mesmos são moldados de acordo com o meio, sendo assim, nada do que constitui a identidade do sujeito é inato, ou seja, ele passa por um rigoroso processo de construção que, de acordo com Guattari e Rolnik (2005, p. 35), é realizado por meio da subjetivação, pois

tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam não é apenas uma questão de ideia ou de significado por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificação com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.

Dessa forma, nada do que é dito em determinado grupo social, é feito sem uma finalidade. Desconsidera-se a relação simples entre o significante e seu significado para concentrar-se nas relações sociais, nas quais esses significantes estão inseridos. Assim, são construídos os sujeitos que atuam na sociedade moderna. Todo seu aparato linguístico, cultural e ideológico são moldados a partir de modelos pré-estabelecidos socialmente.

Para desequilibrar essa situação, aparentemente harmônica entre os sujeitos, é que os grupos sociais não conseguem conviver sem o contato com outros grupos. É nesse ponto que as notórias diferenças entre os sujeitos começam a entrar em confronto, posto que o novo, o diferente sempre causa estranhamento e muitas vezes repulsa, pois, “toda alteridade radical representa sempre uma perturbação de nossa identidade uma ameaça a nossa construção “harmônica” de imagem de

grupos, de comunidade, de nação, de gênero, de raça, de idade etc” (SKLIAR apud GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.74).

Nossa sociedade é constituída por grupos. Estes possuem suas normas e conceitos pré-estabelecidos. Qualquer um que desobedeça a esse modelo é chamado de estranho, “anormal”. Dessa forma, todo sujeito introduzido em um meio específico sofre o processo de “normalização”, assim, não há mais um processo de conhecimento mútuo, o que há é um sistema de produção ou fabricação do outro, seguindo sempre os mesmos modelos.

Foi pensando nesses modelos fabricados que resolvemos analisar a construção do novo homem, com base nas novas necessidades sociais, e mais especificamente, como isto acontece na série infantil *Dra. Brinquedos*. Buscou-se ainda aqui averiguar as subjetivações dos sujeitos “homem” e “mulher”, “pai” e “mãe”, dentro do desenho animado em análise. Além disso, procura-se também interpretar como as vontades de verdade se materializam neste desenho que tem como público alvo as crianças.

No campo epistemológico, a pesquisa insere-se na Análise do discurso de tradição francesa, fiando-se nos conceitos de sujeito, formação discursiva, relações de poder, com base em Foucault (2008). No que diz respeito à constituição do novo homem, na sociedade moderna, nos utilizamos dos preceitos de Eccel e Alcadipani (2012) e Navarro (2008), além de outros autores que sustentam os pressupostos teóricos deste trabalho.

2 AS DIVISÕES DOS PAPÉIS SOCIAIS ENTRE HOMENS E MULHERES

Os seres humanos são constituídos por convenções efetivadas no meio social, as quais são responsáveis por estabelecerem os papéis que homens e mulheres devem ocupar, ou seja, quais as funções que cabem “exclusivamente” a cada gênero na sociedade.

Segundo Eccel e Alcadipane (2012, p. 52), “A dominação do masculino na civilização humana é praticamente inquestionável”. Desde a antiguidade, conhecida através dos registros históricos, há uma necessidade de hegemonia masculina, que ocorre tanto em relação às mulheres quanto aos próprios homens. Sempre fora concedido ao homem o papel de sujeito social, responsável pelo provimento da

família, ocupando uma posição sujeito sempre superior a da mulher, que era responsável apenas por tarefas domésticas, como lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos, etc. Podemos perceber, então, que “a masculinidade [...] consiste em uma noção socialmente construída e relacionada aos eixos de espaços temporais e culturais, nos quais os significados de ser homem aliam-se também à classe, à geração, à sexualidade etc. (KIMMEL apud ECCEL e ALCADIPANI, 2012, p.54).

Dessa forma, o conceito de masculinidade ultrapassa os limites do físico e do biológico. A masculinidade é uma construção social ligada às relações de espaço, tempo e cultura, posto que tal conceito pode sofrer alterações de acordo com a época e o local. O que se nota é que, ao longo do tempo, a sociedade vem esculpindo e impondo modelos de homens e mulheres. Isto ocorre porque todo discurso é constituído por meio de atravessamentos ideológicos que contribuem para as relações de poder existentes na sociedade.

Para Navarro (2008, p. 89), “o poder classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade própria, liga-os a sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles”. Assim, as identidades sociais são construídas/transformadas por meio das relações de poder existentes entre os sujeitos sociais, como também por meio das interrelações existentes entre esses sujeitos na sociedade, haja vista que as vontades de verdade são transmitidas/fabricadas neste meio e que determinam as posições sujeitos que, segundo Foucault (2008, p.58),

se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo.

Os fragmentos que constituem as identidades dos sujeitos são compostos através do discurso, que estabelece as maneiras como os sujeitos percebem a si próprios e aos outros. Os modos de subjetivação dos sujeitos estão relacionados à sua formação discursiva, que se dá nos variados âmbitos do convívio social e que se materializa através do discurso. Este coexiste nas relações dos sujeitos falantes, cujas formações discursivas possibilitam a formulação de seus dizeres. Sendo assim, o discurso é concebido por meio de um Sistema de Formação.

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. (FOUCAULT, 2008, p. 82)

Percebemos que a formulação dos discursos está ligada aos sujeitos sociais e as suas relações históricas. Dito de outro modo, o que se diz é determinado pelos arranjos históricos que envolvem os sujeitos numa formação discursiva. Essa formação discursiva é construída por meio de atravessamentos discursivos diferentes, assim, uma formação discursiva recebe influências de várias outras formações discursivas, adquiridas pelos sujeitos durante toda a sua vida.

Para Foucault (2008, p. 83),

uma formação discursiva [...] determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

Significa dizer que as relações sociais dos sujeitos, suas influências e conceitos constroem os discursos, pois estes somente produzem sentidos ou efeitos de sentido, nas relações entre as práticas discursivas, visto que as relações entre os sujeitos são convencionadas socialmente, podendo sofrer modificações no decorrer do tempo e também no deslocamento do espaço. É o que vem acontecendo com o homem e com os papéis que este ocupa na sociedade.

Ao longo da história da humanidade, o homem aparece como o responsável pelo provimento econômico da família, enquanto que a mulher é vista como a cuidadora, destinada aos cuidados domésticos e familiares. No entanto, o que se percebe atualmente é uma desconstrução desses padrões há muito arraigados na sociedade. Assim sendo, por onde começar a desconstrução e, posteriormente, a reconstrução dos novos modelos de sujeitos sociais e a implementação de seus novos papéis nas famílias e na comunidade de maneira geral, considerando as necessidades da sociedade contemporânea? O modo mais eficaz de se disseminar esses novos moldes sociais é começar pelo homem em formação. Aquele que não dispõe de vícios sociais e nem de quaisquer tipos de preconceitos: as crianças.

Para analisarmos como esses novos sujeitos sociais (homem/mulher) estão sendo apresentados às crianças, é que decidimos realizar a presente pesquisa, observando como está se dando esse processo de desconstrução/reconstrução dos sujeitos sociais nos desenhos animados infantis da atualidade, especificamente, na série *Dra. Brinquedos* da Disney, exibida no Brasil pela *Netflix*.

3 O HOMEM DO SÉCULO XXI NA SÉRIE ANIMADA *DRA. BRINQUEDOS*

Percebemos que, ao longo do século XXI, os conceitos de homem e mulher têm se modificado bastante. A nova sociedade não comporta mais padrões antigos que destinam a mulher ao lar e o homem ao mundo dos negócios. Então, como desconstruir esses estereótipos já arraigados na sociedade há tanto tempo?

Uma forma eficaz para fixar esse novo modelo masculino a ser seguido é a utilização dos desenhos animados como meio de disseminar esse novo padrão. Destinado ao público infantil, os desenhos animados exercem bastante influência nas crianças, interferindo no seu modo de agir, pensar, falar e se comportar. Assim, os estereótipos do que seria masculino ou feminino vão sendo construídos nas mentes das crianças, que são a renovação da sociedade.

Para Eccel e Alcadipane (2012, p. 68), as inversões dos papéis sociais e a adaptação dos novos sujeitos sociais ao recente modelo de sociedade, “trata-se de uma crise na ordem de gênero, não apenas da masculinidade, pois se percebem mudanças nas relações de gênero e nos papéis tradicionalmente estabelecidos para cada indivíduo”. Na atual conjuntura social, o papel exercido pelo homem tem se modificado e diversificado ao passo que também o tem o da mulher. Hoje, eles e elas ocupam as mesmas posições sujeito e exercem funções que antes eram limitadas às mulheres. Isso acontece porque “o sujeito é o lugar ou a posição que varia muito segundo o tipo e conforme o limiar do enunciado, ou melhor, a posição sujeito varia de maneira que, no enunciado, essa posição é vazia e será preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes” (CARVALHO, 2008, p.20).

Assim, a nossa sociedade vem traçando novos moldes de masculino e feminino, cujo foco não é apenas pessoas adultas, mas as crianças que estão em fase de formação de personalidade e construção dos valores individuais. É o que ocorre na animação intitulada *Dra. Brinquedos*, da Disney, exibida na *Netflix* desde

2014. A série infantil já está em sua terceira temporada. A história começa quando uma menina ganha de sua avó um estetoscópio “mágico” que permite que ela fale com seus brinquedos, tornando-se assim a Dra. Brinquedos. Tentando imitar sua mãe, uma médica pediatra, a menina monta em sua casinha de bonecas uma clínica para cuidar de brinquedos com defeitos. A família é composta inicialmente pela menina, seu irmão Dony, sua mãe e seu pai.

As inversões de papéis sociais arraigados na sociedade começam a ser demonstrados logo no segundo episódio da primeira temporada, quando a família de Doutora é apresentada aos espectadores: a mãe aparece carregando uma maleta de médica e saindo para o trabalho, enquanto o pai está de avental na cozinha preparando o lanche que as crianças levarão para a escola. Notamos que as funções dos pais foram invertidas, de acordo com as convenções socialmente fixadas, em que o homem é o provedor do lar, é quem sai para trabalhar e sustenta sua família, sendo que, nessa série, o pai exerce agora a função de cuidador das crianças e da casa, enquanto que a “posição sujeito” provedor(a) do lar é exercida pela mãe. Essa relação é colocada para as crianças de forma “natural”, fazendo com que cresçam com essa imagem como sendo comum, e não motivo de espanto ou de elogio ao homem, pois, para essa família, as obrigações do lar pertencem a todos os seus membros, conforme podemos verificar nas imagens a seguir:

IMAGEM 1: Captura

de Tela 1.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

IMAGEM 2: Captura de Tela 2.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Nas imagens 1 e 2, vemos que o pai está recolhendo as roupas e lavando-as, o que há algum tempo atrás, competiria à mãe ou a qualquer pessoa do sexo feminino, pois lavar roupas era serviço apenas para mulheres. Por meio dessas ações, percebe-se que a própria sociedade cria preconceitos sobre os afazeres masculinos e femininos e repassa-os para seus novos membros – ainda na infância – fazendo do processo de fabricação do outro o cerne desses preconceitos. Desde criança aprendemos quais são as tarefas masculinas e femininas, que cores meninos e meninas devem usar e com que brinquedos devem brincar. De acordo com Huston (2012, p.23):

Não se nasce alguém, mas passamos a sê-lo. O eu é uma construção custosamente elaborada. Longe de sempre ter estado ali, esperando para se firmar, é primeiramente um meio físico e humano e depois uma configuração móvel, em permanente transformação que fixamos por mera convenção.

Dessa forma, esses novos papéis vão sendo implementados na memória das crianças, contribuindo para suas formações discursivas que, conseqüentemente, obedecerão a esse novo padrão familiar. No episódio um da segunda temporada, aparece novamente o homem – pai – como o cuidador da família, na ausência da mãe na hora de dormir, pois esta está trabalhando. O pai coloca a filha na cama e lhe conta uma história para dormir. Logo em seguida atende a um telefonema de

uma vizinha que lhe pede que tome conta de sua bebê no dia seguinte, para que possa resolver uns assuntos de trabalho, o que ocorre naturalmente no outro dia, como podemos ver nas imagens a seguir:

IMAGEM 3: Captura de Tela 3.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

IMAGEM 4: Captura de Tela 4.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Há uma relação de confiança entre a vizinha e o pai da Doutora, fato que não ocorre com frequência, por exemplo, na sociedade brasileira, posto que o “comum” seria que uma vizinha ou uma amiga deixasse a filha, ainda bebê com alguém do mesmo gênero. Pois, em uma sociedade originada do patriarcalismo não é comum

o homem cuidar das crianças, nem das suas, imagine de outras pessoas. Percebemos que há uma formação discursiva com ideologias diferentes das tradicionais, tanto por parte da vizinha, quanto pelo pai da Dra. Brinquedos. Para Foucault, (2008, p.83),

uma formação discursiva [...] determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

Essas diferentes formações discursivas podem explicar as transformações de atitudes e o fato da confiança mútua entre as personagens como também a disposição voluntária do homem para cuidar da criança da amiga. Já em episódios da terceira temporada, como em outras mais, percebemos que os cuidados com o lar, os afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, passar, limpar a casa e o quintal – tarefas normalmente conferidas às mulheres – são executadas em sua maioria pelo pai, já que a mãe não dispõe de muito tempo para esses afazeres. No episódio 22 da terceira temporada, o irmão da Dra. Brinquedo terá uma apresentação na escola e, como a mãe não poderá assistir, o pai assume o papel que antes também era da mulher. As imagens abaixo demonstram os pais da Dra. Brinquedos em suas tarefas diárias, que, como pudemos constatar, nada tem a ver com o que a sociedade afirmava serem tarefas masculinas ou femininas. Enquanto a mãe está em seu consultório, trabalhando fora de casa, o pai está em casa, preparando o jantar da família:

IMAGEM 5: Captura de Tela 5.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

IMAGEM 6: Captura de Tela 6.



FONTE: Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Dessa forma, percebemos que os papéis sociais dos sujeitos “pai” e “mãe”, dentro da família, estão se modificando. A série vem mostrar que essas mudanças aconteceram e devem ser recebidas de forma natural. E, apesar de a sociedade ainda ser bastante conservadora, é preciso haver mudanças nas estruturas tradicionais da família para atender às necessidades da nova sociedade que preza pela igualdade e pelo respeito mútuo entre os gêneros, de modo a não haver mais funções somente de homens ou de mulheres, que tudo possa partir do princípio da escolha dos sujeitos sociais e não do gênero ao qual pertencem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso exprime uma memória coletiva, na qual os sujeitos são inscritos. Essa memória é constituída e baseada na ideologia do sujeito, no posicionamento e nos ideais defendidos por ele. Portanto, é no discurso que identificamos a ideologia, e esse discurso é inscrito em sua materialidade. No caso específico da série, notamos, constantemente, a repetição da ideologia de igualdade entre os gêneros, pois as posições sujeito ocupadas pelas personagens não estão relacionadas ao fato de serem homens ou mulheres.

Podemos dizer, então, que aquilo que é colocado em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma certa conjuntura, determina o que pode e o que deve ser dito. A ideologia é materializada por meio

dos discursos e articulada por sujeitos, e o sujeito é interpelado por sua ideologia. Nesse sentido, o “posicionamento” do enunciador define sua identidade enunciativa, ou seja, sua formação discursiva. Sendo, por isso, o que a AD chama de sujeito assujeitado, ou seja, a posição do sujeito em seu espaço social é que determina “as leis do seu discurso”. Se a instituição social, a qual esse sujeito defende, tem uma ideologia e um discurso formado sobre determinado tema, a obrigação desse sujeito é submeter-se a essa ideologia, a esse pensar, e assim, construir seus discursos dentro desses preceitos, pois a formação discursiva é relativa ao lugar onde vive o sujeito e também à posição que ocupa dentro desse lugar. Assim, podemos afirmar que a série infantil Dra. Brinquedos levanta questionamentos sobre as funções dos homens na sociedade contemporânea, como também verificamos a marcante inversão de papéis sociais cristalizados e a desconstrução de modelos antigos de masculino e feminino.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Maria de. A noção de Sujeito em Foucault. In. SILVA, Francisco Paulo da (org.) **Travessias do sentido e outras questões de linguagem**. Mossoró-RN: Queimabucha, 2008.p.17-31.

ECCEL, Cláudia Sirangelo; ALCADIPANI, Rafael. (Re)Descobrimos as masculinidades. In. FREITAS, Maria Ester de e DANTAS, Marcelo (Orgs.). **Diversidade Sexual e trabalho**. São Paulo – SP: Cengage Learnig, 2012.p. 51-75.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Trad. Luíz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. São Paulo – SP: Ed. Vozes, 2005.

HUSTON, Nancy. **A Espécie Fabuladora**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre – RS: Editora L&PM, 2012.

NAVARRO, Pedro. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In. NAVARRO, Pedro. **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos - SP: Editora Claraluz, 2008.p.89-100.